



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

**A MATERNIDADE E SEU IMPACTO NOS PAPÉIS OCUPACIONAIS
DE PRIMÍPARAS**

Rafaela Correia Rodrigues Behar

JOÃO PESSOA

2018

RAFAELA CORREIA RODRIGUES BEHAR

**A MATERNIDADE E SEU IMPACTO NOS PAPÉIS OCUPACIONAIS
DE PRIMÍPARAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a Conclusão do Curso de
Bacharelado em Terapia Ocupacional da
Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Profa. Dra. Isabela Lemos Arteiro
Ribeiro Lins

JOÃO PESSOA

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B419m Behar, Rafaela Correia Rodrigues.

A maternidade e seu impacto nos papéis ocupacionais de primíparas / Rafaela Correia Rodrigues Behar. - João Pessoa, 2018.

75 f. : il.

Orientação: Isabela Lemos Arteiro Ribeiro Lins.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Terapia Ocupacional. Desempenho Ocupacional. Mães.
I. Lins, Isabela Lemos Arteiro Ribeiro. II. Título.

UFPB/BC

RAFAELA CORREIA RODRIGUES BEHAR

A MATERNIDADE E SEU IMPACTO NOS PAPÉIS OCUPACIONAIS DE PRIMÍPARAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, apreciado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

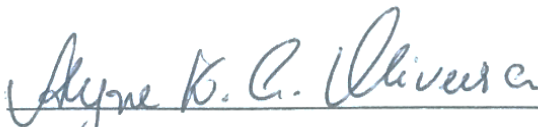
Aprovado em: 05/06/2018

COMISSÃO EXAMINADORA



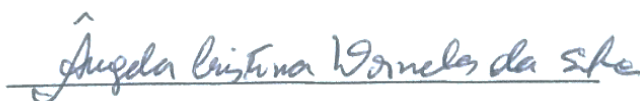
Profa. Dra. Isabela Lemos Arteiro (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba



Profa. Dra. Alyne Kalyane Câmara de Oliveira (Examinadora)

Universidade Federal da Paraíba



Profa. Dra. Ângela Cristina Dornelas da Silva (Examinadora)

Universidade Federal da Paraíba

Às mulheres e suas lutas,

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me capacitado, guiado e amparado durante essa trajetória, me mostrando sempre ter os melhores planos para minha vida.

Aos meus ancestrais que construíram todo legado, força e história que carrego em cada gene.

Aos meus pais, Joseneide e Rubens, que me ensinaram o verdadeiro significado de empatia, amor, compreensão, paciência, sabedoria e justiça.

As minhas irmãs Juliana e Mariana, por acreditarem em mim e me incentivarem sempre.

A minha enorme Ohana, por ser sinônimo de amor e acolhimento.

Aos meus professores e educadores, que me guiaram durante os processos de construção do conhecimento.

A minha orientadora, que me auxiliou nesse processo com leveza, compreensão e sabedoria.

Aos meus amigos, em especial a Bianca, Jéssica, Karys e Natália por construírem uma amizade tão verdadeira que o tempo e a distância não são capazes de mudar.

As amizades e laços construídos na Universidade, sem eles essa trajetória não teria sentido.

Ao Clube do amorzinho, constituído de pessoas tão diferentes, mas sempre dispostas a apoiarem uns as outras.

Aos projetos de extensão, grupos de estudo e ao LAVITA, principalmente ao projeto de extensão PALHASUS, onde pude dar vida a Fafal, conhecer histórias magníficas e fazer grandes amizades, em especial TxuinTxunflai, Biruta, Colinha, Pimentinha e Al.

A todos que contribuíram para o início dessa jornada na Terapia Ocupacional, sejam usuários, técnicos ou preceptores, todos influenciaram na minha construção profissional.

As mães participantes desta pesquisa, que doaram um pouco do seu tempo para me contar suas belas histórias de vida.

Gratidão!

As instruções encontradas nas histórias nos confirmam que o caminho não terminou, mas que ele ainda conduz as mulheres mais longe, e ainda mais longe, na direção do seu próprio conhecimento.

Clarissa Pinkola Estés

RESUMO

Os momentos de transição da vida de um indivíduo são marcados por aquisições, transformações, perdas ou ressignificações. As mulheres, por sua vez, possuem diversos acontecimentos em sua história responsáveis pela construção da identidade e dos papéis ocupacionais. Podemos afirmar que o papel materno ainda é um dos mais relacionados ao feminino pela cultura e sociedade. Tendo como ponto de partida a aquisição e construção do papel social de ser mãe, esta pesquisa dá ênfase às transformações sofridas nos papéis ocupacionais da mulher a partir da maternidade, buscando compreender quais os impactos gerados por este processo. Deste modo, o presente estudo possui como objetivo geral identificar os impactos da maternidade nos papéis ocupacionais de primíparas após o primeiro ano de vida do bebê. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa de caráter exploratório, descritivo, de temporalidade transversal (associado à pesquisa bibliográfica e de campo). A amostra da pesquisa foi alcançada através do método de amostra não probabilística “Bola de Neve”, sendo as entrevistas realizadas com os participantes voluntários e os dados coletados analisados através da Análise Temática de Conteúdo de Minayo. A população da presente pesquisa foram mães primíparas residentes no município de João Pessoa - PB. As mães relataram alterações nos papéis ocupacionais de trabalhadora, esposa, estudante e amiga. Para lidar com as demandas existentes nos papéis desempenhados lançam mão da ajuda de redes de apoio e de dispositivos da rede educacional. Constatou-se que a maternidade influencia de maneira significativa o desempenho dos papéis ocupacionais de primíparas, sendo as mães também alvo de cobranças sociais para o desempenho dos papéis de forma satisfatória. Espera-se com esse estudo despertar o interesse por novos estudos, reflexões e ações no contexto materno-infantil, levando em consideração a singularidade da figura feminina e beneficiando-as para promoção do bem-estar das mães.

Palavras-chaves: Terapia Ocupacional. Desempenho Ocupacional. Mães. Desempenho de Papéis.

ABSTRACT

The moments of transition of an individual's life are marked by acquisitions, transformations, losses or resignificações. Women, for your time, have multiple events in your history responsible for identity construction and occupational roles. We can affirm that the maternal role is still one of the most female-related by culture and society. Taking as a starting point the acquisition and construction of the social role of being a mom, this research emphasizes the transformations undergone in occupational roles of women from the maternity ward, seeking to understand what the impacts generated by this process. Thus, the present study has as its overall objective to identify the impacts of motherhood in occupational roles of mothers after the first year of baby's life. This is a qualitative study exploratory, descriptive, transversal temporality (associated bibliographic and field research). The sample of the research was achieved through the method of non-probability sample "snowball", and interviews with participants and volunteers collected data analyzed by thematic analysis of content of Minayo. The population of this research were Primiparous mothers resident in the city of João Pessoa-PB. Mothers reported changes in occupational roles of worker, wife, student and friend. To handle the demands of the roles cast hand of help from support networks and network devices. It was noted that motherhood influences significantly the performance of occupational roles of mothers, and mothers also target of social charges for the performance of roles satisfactorily. This study is expected to spark the interest for new studies, reflections and actions in the child context, taking into consideration the uniqueness of the female figure and enjoying them for promoting the well-being of mothers.

Keyword: Occupational Therapy. Performance of occupational. Mothers. Role Playing.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica das entrevistadas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2.REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 MULHER- MÃE	15
2.2 PAPÉIS OCUPACIONAIS.....	17
2.3 DIREITOS E ASSISTÊNCIA MATERNO-INFANTIL.....	19
3 METODOLOGIA	25
3. 1 LOCAL DE ESTUDO E PARTICIPANTES	27
3.2 COLETA DE DADOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS	27
3.3 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	27
4 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
CATEGORIA 1: PAPÉIS OCUPACIONAIS E DESEMPENHO DOS PAPÉIS.....	30
CATEGORIA 2: ARRANJOS PARA CONCILIAÇÃO DOS PAPÉIS.....	37
CATEGORIA 3: MULHER, MÃE E PROFISSIONAL – MULTITAREFAS	38
CATEGORIA 4: SER UMA “BOA MÃE” – INSEGURANÇAS E DESAFIOS	39
CATEGORIA 5: AUTOPERCEPÇÃO DAS MULHER DIANTE DA MATERNIDADE	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APENDICE A - IDENTIFICAÇÃO	49
APENDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA	50
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	51
APENDICE D - ENTREVISTAS.....	53

1. INTRODUÇÃO

A construção da identidade materna é um processo complexo e que está diretamente relacionada ao ideal preconizado socialmente a respeito deste papel, sendo, neste sentido, passível de transformações e ressignificações. Iaconelli (2013) discute sobre o tema, chegando à conclusão que as expectativas com relação ao papel materno sofrem modificações de acordo com a cultura. Em outras palavras, tais transformações sofrem os efeitos dos paradigmas atrelados ao lugar do feminino nas diferentes organizações sociais.

Estés (2014) considera que a mulher moderna é um “borrão de atividade”, a ela são delegadas diversas funções, seja no espaço privado ou público, impondo-a certas exigências a fim de operá-las de maneira satisfatória para os envolvidos. Estas imposições caracterizam um comportamento que a autora denomina como “ser tudo para todos”.

O cuidar, historicamente, foi atribuído a função materna, referindo-se não apenas ao cuidado dos filhos, mas a responsabilidade na manutenção de toda estrutura familiar. Na atualidade é perceptível as transformações nos papéis adquiridos e desempenhados pelas mulheres, resultando em muitas cobranças tanto no que tange ao desempenho profissional, quanto ao materno.

Apesar da reprodução desse modelo, é possível reconhecer na atualidade modificações nos papéis parentais. A figura paterna em alguns setores da sociedade já é vista como potencial provedora de cuidado dos filhos e de realização de trabalhos domésticos. Diante dessas transformações que a maternidade proporciona, os papéis ocupacionais e seu desempenho também sofrem alterações, causando impactos significativos na estrutura desses. Porém, com o reforço por parte da sociedade de um modelo de cuidado prioritariamente materno, lidar com essas responsabilidades dentro e fora de casa vem a proporcionar diversos impactos ocupacionais, emocionais, físicos e mentais nas mulheres, os quais serão investigados na presente pesquisa.

O interesse sobre o tema surgiu a partir de reflexões a respeito do papel materno durante as vivências diárias e principalmente durante a graduação em saúde, pois nos serviços de saúde onde ocorrem as práticas do curso de Terapia Ocupacional da UFPB é possível reconhecer a figura da mãe como a mais frequente durante os atendimentos. Elas reproduzem um discurso que caracteriza um perfil de abdicação de sua vida profissional e pessoal em prol da assistência aos seus filhos em tratamentos. Esse discurso é frequente em clínicas e

hospitais que atendem principalmente pessoas com deficiências, doenças ou transtornos, porém ao refletir sobre isso podemos ver que não são apenas as mães de filhos com alguma condição genética ou adquirida que reproduzem tal discurso. Essa abdicação do “eu” e de suas vontades em prol dos filhos e da família pode ser observada por parte de várias mulheres de diferentes contextos e situações econômicas. Além disso, em muitas falas as mães que acompanham seus filhos relatam sobre o cansaço e o estresse da conciliação dos seus papéis com a rotina de tratamento do filho.

Existem estudos que evidenciam a relação de cuidado entre mãe e bebê, muitos relacionados a sua função cuidadora de crianças em algum processo patológico, mas outros incluem o adoecimento da mulher como objeto de estudo, como CAMACHO(2008) que dialoga a respeito dos transtornos psiquiátricos adquiridos durante a gestação e puerpério. Assim, faz-se necessária uma atenção para a relação entre os papéis da mulher e o materno, em um sentido amplo englobando todas as mulheres (com ou sem diagnóstico).

Tal estudo é consequente da premissa que visa compreender a importância do processo de construção do papel materno e da busca por estratégias para lidar com as demandas envolvidas nos papéis. Assim este estudo tem por objetivo principal investigar os impactos da maternidade nos papéis ocupacionais de mães primíparas. E como objetivos específicos, compreender a importância dos papéis ocupacionais para a mulher, descrever os papéis ocupacionais desempenhados pelas mães antes e após o nascimento do bebê e identificar as formas de conciliação entre os papéis ocupacionais e o materno.

Ao tornar-se mãe a mulher se projeta frente a um mundo ainda não desbravado por ela de forma prática, repleto de representações mentais, construções e expectativas. A partir da chegada do filho, a mulher que antes se caracterizava como mulher/esposa/filha passa possuir um papel composto por outras responsabilidades, o papel materno. Assim, nos primeiros anos de vida da criança, a mulher passa pelas primeiras alterações no seu cotidiano para que possa introduzir a rotina de cuidados ofertados ao filho. A inclusão das demandas da criação de um filho, mesmo com planejamento e reorganização de papéis, demora um tempo incerto para que a mulher e a família se adapte à nova rotina.

Através deste estudo é almejado contribuir para o entendimento sobre a relação entre a maternidade e os papéis ocupacionais desempenhados pelas mulheres, além da possibilidade de ofertar a comunidade científica e profissional conhecimentos para lidar com esta clientela,

quando apresentadas demandas relativas ao sofrimento frente a conciliação dos papéis ocupacionais.

O presente trabalho organiza-se da seguinte forma: Referencial teórico cujo conteúdo trata-se de uma explanação sobre os conceitos que irão nortear a pesquisa, logo em seguida a metodologia da pesquisa é apresentada mostrando os procedimentos de coleta, análise e interpretação dos dados, posteriormente, são apresentados os dados obtidos na pesquisa conversando com o referencial necessário para sustentação das ideias, por fim as considerações finais e os apêndices da pesquisa são expostos.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MULHER- MÃE

Até o início do século XX o papel da mulher esteve voltado apenas para a família e o espaço privado, enquanto o homem possuía o papel de caráter público. A ele era concedido o direito/dever de trabalhar fora de casa e ser o provedor da família (ARTEIRO,2017). A partir das décadas de 1960 a 1970, ocorreu o processo de modernização econômica e alterações nos padrões de consumo, que em conjunto com a expansão de ideais feministas e o advento das pílulas anticoncepcionais, trouxe a mulher para uma esfera pública, que passou a ocupar espaço no mercado de trabalho. Como consequência a isso as famílias passaram a contar com outra fonte de renda e as taxas de fecundidades sofreram reduções significativas (BILAC, 2014).

A partir dessas transformações sociais, a mulher passou a ter um papel de maior protagonismo no cenário público. Mesmo com a dominação masculina em diversas áreas, ela conquistou mais autonomia em suas escolhas, na sua vida e no seu corpo (GIFFIN,1991). Os projetos que antes eram coletivos envolvendo majoritariamente casamento e filhos deram lugar às escolhas particulares. Com o domínio sobre o próprio corpo e sobre a sexualidade, que deixa de ser caracterizada apenas pelo fator reprodutivo, a maternidade passou a ser considerada uma escolha (ARTEIRO, 2017). A compreensão de que a maternidade pode ser uma escolha feminina ainda é questionada socialmente, pois em certos setores da sociedade por questões culturais, de falta de planejamento familiar e orientações sobre contracepção a maternidade é vista como um episódio que deve ocorrer sem a mulher optar por engravidar ou não. Assim, não podemos apenas responsabiliza-las em casos de gravidez indesejada ou não planejada, é necessário entender a situação sociocultural a qual a mulher se encontra.

Embora a mulher tenha ampliado seu espaço dentro da sociedade assumindo novos papéis, ela encontra-se em uma posição onde ainda persiste uma cobrança social para que assuma todos esses papéis com maestria, especialmente o materno. Assim, elas possuem uma vida caracterizada por várias jornadas de trabalho dentro e fora de casa, causando muitas vezes sobrecarga mental devido ao acúmulo de responsabilidades. De acordo com Caixeta & Barbato (2004), a aquisição do papel profissional não modificou o padrão anteriormente instalado, apenas agregou mais funções às mulheres. Os autores nomeiam esse fenômeno

como “supermulheres”, que possuem a responsabilidade de serem profissionais, esposas, donas-de-casa e mães.

A maternidade parte de um imaginário construído através de múltiplos fatores, sejam eles sociais, culturais, biológicos e emocionais. Este processo de formação da identidade materna inicia-se muito antes da concepção de um filho, tal fenômeno acontece desde a primeira infância, nas primeiras relações entre pais e filhos, estendendo por toda a vida. Conforme Zornig (2010), as brincadeiras de boneca e o imaginário das adolescentes podem criar situações que constroem representações maternas muito antes de ocorrer a concepção, influenciando na maneira como o papel materno será exercido.

Anteriormente ao desempenho da função materna propriamente dito, a mulher elabora para si uma representação a partir de referências de maternidade visualizadas no decorrer da vida, seja através da sua própria mãe ou de outras mulheres, sendo essa construção transmitida transgeracionalmente (ARTEIRO & PASSOS, 2016). Zornig (2010) afirma que além da subjetividade do “tornar-se mãe” decorrer da história individual, ela é caracterizada por um ideal de um modelo de família nuclear tradicional, assim resgatando fantasias, lembranças da própria infância e do tipo de cuidado parental ofertado durante sua vida.

Ao buscar lembranças da nossa infância e da nossa adolescência nos aventuramos a desbravar um ambiente conhecido marcado por situações e representações vivenciadas. Tudo isso que conseguimos projetar e visualizar hoje é apenas uma mínima parcela do que foi vivenciado naquele momento. Para as mulheres por exemplo, desde cedo existe uma normatização de comportamentos, vestimentas e até mesmo, brincadeiras. Logo cedo, cores como azul e rosa são utilizadas para diferenciar o universo masculino do feminino, sendo assim são utilizadas como forma de identificação de sexo e não como uma preferência pessoal. Assim também é imposto o modo com que ambos devem se comportar em sociedade, construindo uma identidade sexual e de gênero (FIANCO, 2013).

Após a imersão neste mundo de representações mentais, fantasias, temores, afeto e significados, o chamado “instinto maternal” é questionado de todas as partes pela idealização da “boa mãe” (LOBO, 2008). Assim, as mães vão se moldando pela busca para atingir a representação de boa mãe que cada cultura sugere. Sendo esse ideal condutor de nossa ideia do que seria uma boa mãe desde as primeiras idealizações de cuidado materno.

Durante a gravidez o que fora construído apenas em um plano mental passa a se tornar concreto. Este é o momento que a mulher passa por reajustes intrapsíquicos,

construções de novas tarefas libidinais e confrontos com conflitos não resolvidos do passado, o que gera uma demanda que deve ser acompanhada por profissionais especializados para uma reestruturação emocional no momento (LOBO, 2008).

A partir do nascimento da criança, é gerada dentro da mulher uma grande experiência ligada à paixão humana, que permeia a criação, morte e sexo. Esse momento remete à mulher uma concretização de uma dimensão sexual, assim continua seu ciclo de vida, pois acabou de gerar e parir um novo ser. Sendo assim, implica em uma mudança de caráter geracional, onde seu papel como filha cede espaço para o papel de mãe (ARAGÃO, 2011). Mesmo que de forma inconsciente, a chegada de um filho é algo transformador na vida da mulher e da família, não só pelo que representa no contexto sexual e reprodutivo, mas no sentido a nova organização que irá acontecer a partir disso.

Com o nascimento do bebê, a experiência de satisfação de sua chegada é compartilhada com outros afetos, caracterizando-se por uma vivência ambivalente, pois ao mesmo tempo em que sentimentos de cuidado, carinho e plenitude são vivenciados, há uma pressão social para o retorno de seu estado físico e emocional anteriores, visando uma rápida retomada das atividades produtivas. Além disso, a chegada de um bebê pode representar um abalo a identidade feminina, quando passa a “concorrer” com a identidade materna. Através dessas experiências as mulheres podem ter diversas respostas, seja um desconforto causado pelas privações sociais ou uma culpa por ter que deixar o filho sob os cuidados de terceiros para voltar as atividades laborais (ARTEIRO, 2017).

Lidar com as demandas da vida privada e pública, leva a essas “super-mulheres” ao desafio de lidar com a multiplicidade de demandas existentes. A conciliação entre o desempenho dos papéis (adquiridos e acumulados) e a satisfação pessoal acarreta diversos impactos na vida da mulher. Maushart (2006, apud Merigh, 2011) demonstra que a conciliação desses é difícil, podendo levar, muitas vezes, ao surgimento de sintomas de sofrimento emocional e momentos de reflexões que culminam em dúvidas e questionamentos.

2.2 PAPÉIS OCUPACIONAIS

Essas difíceis conciliações interferem de maneira significativa no desempenho dos papéis ocupacionais da mulher, pois para gerir seus papéis são necessárias concessões, abdições e reestruturações dentro do seu cotidiano. Para compreender o impacto gerado pelo papel materno nos demais papéis ocupacionais precisamos inicialmente conceituar o que

seria de acordo com a literatura o termo “papel ocupacional”. Discutiremos a seguir, através do olhar da Terapia Ocupacional sobre a relação existente entre a nossa identidade e cotidiano com os papéis ocupacionais desempenhados ao longo da vida.

A representação e o desempenho de funções atreladas aos papéis ocupacionais estão diretamente relacionados a construção da identidade das pessoas. Através da interação com os outros, com as expectativas atreladas a eles e a posição social onde esse papel se encontra, são exigidos certos comportamentos dos indivíduos para a manutenção do papel de forma positiva. Ao desempenhar seus papéis durante seu dia a dia, as pessoas fortalecem de acordo com cada papel uma identidade, perspectiva e comportamento (KIELHOFNER, 2011).

Por consequência, nossos comportamentos nos possibilita a percepção de que somos seres atuantes no mundo e a forma com que os outros nos reconhecem possui uma forte ligação com os papéis desempenhados ao longo da vida. Hagendorn (2003) mostra que além de outras características normativas, os papéis são considerados filtros sociais que indicam em qual posição social o indivíduo se encontra.

Crepeau & Schell (2011) explicam que os papéis possuem caráter normativo e adaptativo, pois geram expectativas e cobranças para que o desempenho seja satisfatório aos olhos da sociedade, sendo os indivíduos capazes de construir arranjos para obter melhores desempenhos.

Portanto, ao considerar o estágio da vida em que a mulher passa a desempenhar o papel de mãe, compreendemos que o desempenho e a repercussão desse não envolvem apenas a tríade mãe, filho e família, possuindo repercussões na vida pública da mulher.

As transformações nos papéis ocupacionais fazem parte do desenvolvimento humano, sendo compreendido como algo multifatorial que solicita mudanças nos hábitos e habilidades, sendo assim almeja uma maior adaptação diante das novas demandas consequentes dessa nova rotina e comportamentos esperados (KIELHOFNER & BURKE, 1990 apud DIAS, 2012). Desde cedo, desempenhamos diversos papéis, alguns são deixados de lado de acordo com o nosso desenvolvimento e aquisição de novos papéis que solicitam maiores responsabilidades. Essas transformações muitas vezes possuem um caráter de ruptura, proporcionando o surgimento de sentimentos, reflexões, situações e vivências, capazes de impactar a vida do sujeito.

Os papéis ocupacionais possuem uma correlação importante com as ocupações desempenhadas pelos indivíduos, pois a manutenção desses papéis se dá a partir do engajamento nas ocupações relacionadas a eles. As ocupações, conforme explicita a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA, 2015) influenciam na identidade e senso de competência, possuindo um valor e significado para o indivíduo.

O envolvimento nas ocupações é capaz de influenciar no equilíbrio do estilo de vida daquele que executa, sendo priorização e a frequência com que é desempenhada variável de acordo com as circunstâncias atuais da vida da pessoa. Tendo em vista o fazer dentro das áreas de ocupação¹, o desempenho nelas pode ser considerado promotor de bem-estar e de desequilíbrio, pois o desempenho em algumas áreas pode influenciar no desempenho de outras (AOTA, 2015).

A Terapia Ocupacional, por sua vez, volta-se para tais papéis tendo como foco as ocupações e o desempenho. Ela busca compreender o desempenho dos papéis ocupacionais pelo indivíduo e a repercussão do desempenho na vida cotidiana. Sendo estes papéis caracterizados pela forma com que se organiza e pela execução do mesmo, a Terapia Ocupacional junto ao sujeito objetiva favorecer o alcance de suas expectativas e necessidades relativas ao papel, assim como dos demais envolvidos (CREPEAU & SCHELL, 2011).

Durante conciliação dos papéis com o materno, a falta de uma rotina organizada para administração dos seus papéis, é um fator capaz de provocar estresse, cansaço e muitas frustrações. Pois lidar com tantas demandas provocam na mulher uma sobrecarga, onde ela se vê muitas vezes como a única responsável e capaz de gerir tais demandas. Para garantir a execução dos papéis existentes no universo privado e público da mulher, a mãe solicita muitos arranjos para que ocorra uma conciliação, buscando um equilíbrio entre eles para que não ocorram comprometimento no desempenho.

2.3 DIREITOS E ASSISTÊNCIA MATERNO-INFANTIL

Preocupações relativas a taxa de fecundidade, levam aos países desenvolvidos a uma postura de corresponsabilização sobre os cuidados da criança. Há uma estruturação de leis voltadas aos direitos trabalhistas e a licença-maternidade, que favoreçam a rotina de cuidado

¹ Conforme a AOTA, as áreas de ocupação humana são divididas em Atividades de vida diária, Atividades instrumentais de vida diária, trabalho, estudo, participação social, brincar e lazer.

da mãe com o bebê. Além disso, com o retorno as suas atividades cotidianas, as mães dispõem de creches e pré-escolas, essa é uma forma do Estado garantir o fornecimento de cuidados necessários para o bebê (ARTEIRO,2017).

No processo de aquisição e construção de estratégias durante a busca pelo equilíbrio no desempenho das ocupações, as mulheres recorrem a esses direitos e dispositivos da rede educacional. Deve-se ressaltar também a importância das redes de apoio e de políticas públicas que visem o acompanhamento das mulheres durante esses processos de transformações.

A licença maternidade é um desses direitos adquiridos. A Constituição Federal através da Lei nº10.710, de 5 de agosto de 2003 que altera o Art. 71 da Lei nº 8.213 de 24 de julho de 1991, estabelece que a empresa pague o salário-maternidade da empregada gestante segurada. Este pagamento é referente a contribuição sobre a folha de salário e dos rendimentos pagos ou creditados. Ela normatiza que o período de licença maternidade é de 120 dias, podendo começar até 28 dias antes do nascimento devido a situações e condições previstas na legislação de proteção a maternidade. Às trabalhadoras autônomas seguradas são pagos os salários correspondente a licença-maternidade pela previdência social (BRASIL, 2003).

Atualmente a lei garante às trabalhadoras do setor privado apenas 120 dias que são estabelecidos pelo INSS, porém no setor público essa licença pode chegar a 180 dias. Isso significa dizer que a licença maternidade de 120 dias do setor privado não favorece as recomendações do Ministério da Saúde no que tange ao aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de vida do bebê (ARTEIRO, 2017). Esse é um dos argumentos utilizados na defesa a favor do aumento da licença maternidade.

O projeto de Lei nº 72/2017 que busca a ampliação do prazo de licença-maternidade de 120 para 180 dias se encontra em processo de votação para a aprovação da Câmara dos Deputados, após a aprovação do Senado Federal. Ele possibilitará o compartilhamento entre ambos os pais, incentivando a paternidade responsável, além de viabilizar a autorização ao acompanhamento do pai às consultas referentes ao pré-natal da mãe (SENADO, 2018).

Hoje, o Estado brasileiro já viabiliza a dilatação da licença-maternidade e paternidade de trabalhadores da iniciativa privada através da lei nº11.770 de 9 de setembro de 2008, que cria o programa empresa cidadã. Esse programa concede incentivos fiscais às empresas que o aderirem, para que as mesmas promovam a prorrogação da licença-maternidade e licença-

paternidade, por 60 e 15 dias respectivamente aos seus empregados. Neste período os empregados possuem o direito a remuneração integral (BRASIL, 2008).

Após o nascimento do filho ou antes, em casos de gravidez de risco, a licença maternidade contribui para a manutenção do papel de cunho trabalhista. A licença é um direito trabalhista conquistado pelas mulheres, que visa garantir uma maior assistência materno-infantil nos primeiros meses de vida do bebê. Assim, a mãe se ausenta de suas funções trabalhistas do período que vai do início do puerpério ao 6º mês de vida do filho. Esse período que passa afastada do trabalho, contribui para uma maior adaptação a nova rotina familiar, construção de vínculo e gerenciamento dos cuidados ao bebê. Assim, o Estado cria um mecanismo para favorecer a diminuição de consequências recorrentes da fragilidade do vínculo materno e da má assistência materno-infantil.

Após o encerramento do período de licença está previsto que a mulher retorne ao contexto e às funções do trabalho. Este momento é marcado por uma ruptura na rotina voltada, muitas vezes de forma exclusiva, para o cuidado e bem-estar do bebê. O retorno às atividades laborais pode trazer como consequência novos arranjos e novas preocupações relativas ao desempenho dos papéis ocupacionais. Aragão (2011) sugere que com o crescimento do bebê ampliam-se as demandas emocionais, de cuidado e educacionais, a partir disso, há uma corresponsabilização no núcleo familiar para abraçar essas demandas existentes.

Portanto, a construção de redes de apoio entre familiares e amigos surgem como forma de favorecer o retorno da mulher ao desempenho dos seus papéis, já que a mãe lança mão desta rede constituída de pessoas da sua confiança, para que lidem junto a ela com as demandas de cuidado da criança.

Conforme discute Dessen & Braz (2000), a rede de suporte é fundamental nos períodos de transição enfrentados. Essas redes podem ser constituídas por próprios membros da família nuclear, da família extensa, amigos, vizinhos e profissionais. A rede possui diversas funções importantes para o auxílio dos beneficiados, ela pode fornecer apoio através do auxílio financeiro, de cuidados prestados, de orientações, suporte emocional e na execução de tarefas domésticas.

A construção das redes de apoio proporciona uma ampliação dos cuidados ofertados à criança. A aquisição de diversas formas de cuidado, fazem parte de um projeto construído

pelos pais a partir de suas concepções, ideais e necessidades (AMORIM ;VITORIA; ROSSETTI-FERREIRA, 2000).

As creches, mesmo sendo dispositivos da rede educacional, podem fazer parte dessa rede e por possuírem um papel de caráter educativo e social, promovendo cuidados a diversas camadas da sociedade. No ambiente da creche é exaltada a relação entre as crianças e o compartilhamento entre elas, favorecendo o aprendizado através das relações sociais. O que consequentemente gera algumas inseguranças por parte dos familiares com relação aos cuidados individuais ofertados as crianças. Visto que diante da nossa sociedade é valorizado o aprendizado através da relação entre as crianças e os adultos, não o aprendizado construído na relação entre crianças (AMORIM ; VITORIA; ROSSETTI-FERREIRA, 2000).

A composição dessa rede sofre alterações de acordo com as necessidades, contextos e desenvolvimento dos indivíduos e da família. Quando ocorre o nascimento de um filho, a família passa por uma situação de reorganização desta rede pois as demandas existentes favorecem a uma nova articulação dentro dela (DESSEN & BRAZ,2000).

As redes de apoio social como forma de enfrentamento dessas mudanças possuem uma função que vai além de simplesmente ofertar cuidado à criança. Com contribuições em âmbitos do fazer e do afeto, elas promovem bem-estar e contribuem para a diminuição de situações de estresse ao fornecer aparato necessário para as necessidades existentes. Para as mães, perceber que existe uma rede capaz de atender suas necessidades e lhe auxiliar nesse processo de construção, traz alívio, assim desde a gestação essa rede já começa a ser tecida e trazer impactos na vida da mulher (RAPOPORT; PICCININI, 2006).

Essa reorganização solicita acordos entre os envolvidos, ajustes de horários, organização de rotinas para que ocorra o amparo necessário nesse contexto. As autoras Dessen & Braz (2000) concordam que neste período onde um novo integrante chega a família exige arranjos, estratégias, adaptações e aquisição de habilidades a fim de suprir as necessidades voltadas para o desenvolvimento e administração do contexto familiar, sendo os genitores responsáveis pela busca do equilíbrio familiar. Deve-se considerar a importância dessas redes de apoio também na relação entre as mães e os filhos, que necessitam de um aparato para a construção e fortalecimento do vínculo.

A atenção à mulher-mãe deve ser levada em consideração desde a gestação, onde ocorrem as primeiras transformações concretas da chegada do novo membro da família,

envolvendo aspectos mentais, sociais, emocionais e biológicos. Camacho et al. (2006) confirmam essa hipótese ao dizer que a gestação e o puerpério envolvem alterações físicas, hormonais, psíquicas e sociais, sendo assim, interferem na saúde mental dessas mulheres.

Para que ocorra um desenvolvimento saudável tanto do processo de construção da maternidade quanto do bebê, se faz necessário um olhar do sistema de saúde e dos profissionais que o compõe para auxiliar na condução desse processo. Dessen & Braz (2000) ouviram mulheres a respeito da repercussão do apoio psicológico nesse período. Segundo as mães entrevistadas no estudo, o apoio psicológico que partiu de familiares ou de não familiares ajudaram de forma significativa para o seu bem-estar.

Portanto, a atenção à saúde da mulher principalmente nesses períodos de grandes transformações não deve ser voltada apenas para aspectos físicos, pois momentos como esses abrangem outros aspectos que interferem no bem-estar da mesma. Quando falamos a respeito do período pré-natal e puerpério, o Ministério da Saúde, através do seu manual técnico voltado para a atenção desse público, enfatiza que as condutas profissionais devem compreender também os aspectos psicológicos, situações psicossociais e a sobrecarga emocional gerada no período.

Assim, os profissionais devem fazer o manuseio desse cuidado compreendendo a mulher na sua completude e singularidade, levando em consideração sua história, sentimentos, vivências e valorizando suas potencialidades, individualidades e unicidades. Portanto, a assistência materno-infantil deve frisar não apenas protocolos voltados para a constatar alterações físicas, o profissional necessita desenvolver uma escuta qualificada onde a mãe se sinta à vontade para falar sobre si. Nesse processo a empatia é fundamental, pois aquele que vai ofertar o cuidado e a escuta, para poder compreender a realidade do outro, precisa confiar e não atribuir julgamentos ao que é exposto (BRASIL, 2005).

Uma das principais preocupações da atenção voltada às mães é a não consolidação da atenção durante o período de puerpério nos serviços de saúde do país, tendo em vista que muitas não retornam ao serviço de saúde após o primeiro mês de vida do bebê. É perceptível que neste período a preocupação das mães e dos profissionais está voltada para os cuidados referentes à vacinas e avaliações do desenvolvimento do bebê, indicando que as mães não recebem as instruções necessárias para a valorização do acompanhamento profissional da dupla mãe-bebê (BRASIL, 2004).

Mas a atenção à mulher nesses aspectos físicos, psicossociais, emocionais e psicológicos não devem se restringir ao período gravídico e puerperal. Após esse período e a volta de muitas delas ao mercado de trabalho, gera um aumento de situações que podem influenciar no bem-estar delas. Por necessitarem de um cuidado, abordagem e por passarem por situações biológicas e sociais diferentes das vivenciadas pelos homens, o sistema de saúde passa a promover a atenção a saúde da mulher com ações que divergem da atenção voltada a saúde do homem.

A mulher é uma figura muito presente nos serviços de saúde, sejam para a administração de cuidados voltados a ela ou exercendo o papel de acompanhante/cuidadora de terceiros, sendo eles não só pessoas da família, mas pessoas da própria comunidade ou através de vínculos empregatícios. Para direcionar os cuidados às mulheres, o Sistema Único de Saúde (SUS) gera uma política que leva em consideração que mesmo estando no mesmo meio, condições econômicas, de moradia e culturais, as mulheres passam por situações discriminatórias no ambiente de trabalho e sobrecarga das responsabilidades domésticas de forma diferente. Esse direcionamento da atenção está pautado na perspectiva de gênero, buscando a promoção de ações que promovam igualdade de gênero na perspectiva da saúde e do social (BRASIL,2004).

Porém, ainda existem áreas da saúde da mulher a serem desbravadas e possuir mais incentivos, dentre elas a saúde ocupacional e a saúde mental. No que é tangível a saúde mental, os profissionais devem se deter também ao contexto social, trabalhista e do cotidiano onde as mulheres se encontram inseridas, reconhecendo que existe uma sobrecarga de tarefas durante a vida das mulheres referentes a conciliação das demandas da vida prática (BRASIL,2004). Considerando esses argumentos é notória a percepção por parte do sistema de saúde a respeito da atenção à saúde da mulher e dos ajustes necessários para a integralidade do cuidado ofertado.

Ao nos referirmos às mães contemporâneas consideradas multitarefas, essas políticas reconhecem a influência dessa sobrecarga das responsabilidades da vida pública e da vida privada na saúde da mulher. Dessa forma, se tornam indispensáveis as discussões a respeito de soluções para o enfrentamento dessa problemática que traz consequências ao bem-estar materno, influenciando na experiência saudável da maternidade. Assim, se mantêm abertas, para os profissionais e a sociedade, a problematização e a construção de projetos e programas

que abracem esse público, a fim de garantir uma vivência mais tranquila em torno da maternidade e promotora de saúde para os envolvidos.

3 METODOLOGIA

Esse é um estudo de caráter transversal e exploratório, com abordagem qualitativa associada à pesquisa bibliográfica. A transversalidade do estudo pode ser defendida pela ideia de Bordalo (2006) que explica o estudo transversal como uma pesquisa onde a causa e o efeito são observados simultaneamente, voltando seu foco para um recorte de uma situação vivenciada por um público alvo. No caso da situação observada pelo presente estudo, a ênfase será no processo, vivenciado por mulheres, de conciliação de papéis ocupacionais junto à maternidade².

O caráter exploratório do mesmo é defendido pela ideia de Assis (2008) de que o estudo de natureza exploratória guia o pesquisador a obter informações necessárias para delimitar sua pesquisa. E a abordagem qualitativa segue os princípios caracterizados por Minayo (2010) em que a pesquisa qualitativa permite um estudo aprofundado de processos sociais de grupos, construindo novos conceitos e compreensão da temática.

Para a operacionalização do estudo foi utilizada a técnica *Snowball* ou Bola de neve, descrita por Vinuto (2014) como uma técnica de amostragem não probabilística guiada por cadeias de referência. Para iniciar o processo de execução da amostragem, faz-se necessário a figura intitulada por “sementes”, que são documentos/informantes-chave responsáveis por indicar e selecionar pessoas que atendam aos critérios de inclusão da pesquisa. Após o início dos contatos com as pessoas indicadas pelas “sementes”, é solicitado que elas indiquem outros contatos que também se encaixem no perfil desejado e assim por diante. A coleta termina quando o pesquisador alcança o ponto de saturação, sendo ele determinado por uma falta de indicação para novos participantes ou pelo fato das entrevistas não ofertarem novas informações para a análise.

Esta é uma técnica voltada para estudar grupos restritos, questões delicadas e pessoais que ocorrem em âmbito privado (VINUTO, 2014). Nesta pesquisa, foram utilizadas como “sementes” três mães conhecidas pela pesquisadora, sendo duas delas convidadas para o estudo piloto. As primeiras participantes foram indicadas pelas “sementes”, assim a cadeia de referência foi estruturada até a chegada do ponto de saturação estabelecido.

² Aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba, CAAE 81071917.9.0000.8069, de acordo com as diretrizes do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde do Brasil em sua resolução nº 466/12.

3. 1 LOCAL DE ESTUDO E PARTICIPANTES

O estudo foi realizado no município de João Pessoa-PB. Considerando a metodologia utilizada no processo de captação de amostragem, o local da pesquisa não foi vinculado a uma instituição. Dessa maneira, o local, dia e horário para a coleta de dados foram estabelecidos por meio de agendamento prévio com cada entrevistada de acordo com a sua disponibilidade.

As participantes elencadas para pesquisa foram mulheres acima dos 18 anos, mães, primíparas, com filhos dentro da faixa etária de 12 a 24 meses, que realizam atividades profissionais semanais. Foi obtida uma amostra de 9 participantes para a pesquisa, o encerramento da captação de amostragem foi estabelecido após atingir um ponto de saturação onde não houveram indicações de pessoas com o perfil estabelecido na pesquisa e os resultados apurados mostraram-se satisfatórios para a discussão proposta.

3.2 COLETA DE DADOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS

A coleta de dados seguiu a técnica mencionada acima. A partir do contato com as pessoas indicadas pelas “sementes” da pesquisa foi feito o agendamento para a realização dos procedimentos de coleta. No momento agendado para entrevista a pesquisadora iniciou realizando os esclarecimentos necessários a respeito da pesquisa e obteve a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para a coleta de dados foram utilizadas uma ficha para registro com informações sociodemográficas e uma entrevista semiestruturada, visando obter os dados necessários para a realização da pesquisa. As entrevistas foram gravadas utilizando notebook através do aplicativo “gravador de voz”, do sistema operacional Windows 10. Após armazenadas foram transcritas e analisadas, mantendo em sigilo a identidade das participantes.

A ficha de registro para obtenção de dados sociodemográficos preenchida conteve perguntas referentes a dados pessoais (ex.: nome e idade), estado civil, tipo de moradia, renda familiar e escolaridade. A entrevista foi composta por 5 perguntas abertas referentes aos papéis ocupacionais desempenhados, a construção do papel materno, o desempenho e expectativas acerca da maternidade, conforme consta em anexo.

3.3 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas foram transcritas e analisadas de acordo com princípios e técnica da Análise Temática de Conteúdo estruturada por Minayo (2010). Esta abordagem propicia a

investigação e compreensão de fenômenos existentes em determinado objeto de estudo. Este processo consiste em etapas, são elas: pré-análise, exploração do material ou codificação e interpretação dos resultados obtidos.

A etapa de pré-análise consiste em uma leitura flutuante onde o pesquisador têm contato com o material, acessa seu contexto e deixa fluir impressões e hipóteses acerca do tema. Já a etapa de exploração do material refere-se a uma etapa onde ocorre a categorização do conteúdo, onde as falas geradas nas entrevistas são reduzidas a expressões e palavras. Por fim, a interpretação dos resultados consiste na compreensão obtida a partir do material coletado (MINAYO, 2010).

4 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

As nove mães foram selecionadas respeitando os critérios de inclusão estabelecidos. Foram excluídas da amostra 2 mães indicadas pelas participantes, por não atenderem aos critérios exigidos, nos dois casos elas não desempenhavam atividades profissionais. A tabela 1 mostra uma síntese dos dados de caracterização das participantes, contendo dados referentes à idade, estado civil, tipo de moradia, com quantas pessoas residem, renda familiar, escolaridade e idade do bebê.

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica

Participantes	Idade	Estado civil	Tipo de Moradia	Quantos residem	Renda familiar (salário-mínimo)	Escolaridade	Atividade profissional	Idade do bebê
M1	29 anos	União estável	Casa (zona urbana)	3	2-4	Superior incompleto	Auxiliar de cabeleireira	20 meses
M2	22 anos	Casada	Apartamento (zona urbana)	3	2-4	Ensino médio completo	Funcionária pública	15 meses
M3	32 anos	Casada	Apartamento (zona urbana)	3	4-6	Superior completo	Maquiadora autônoma	24 meses
M4	28 anos	Solteira	Apartamento (zona urbana)	2	1	Superior completo	Secretária	16 meses
M5	28 anos	Casada	Apartamento (zona urbana)	3	2-4	Pós-graduação	Vendedora autônoma	12 meses
M6	21 anos	Casada	Casa (zona urbana)	3	2-4	Superior incompleto	Vendedora autônoma	15 Meses
M7	22 anos	Casada	Casa (zona urbana)	3	2-4	Ensino médio completo	Secretária	18 meses
M8	31 anos	Casada	Apartamento (zona urbana)	3	6 >	Pós-graduação	Bancária	12 meses
M9	32 anos	Casada	Casa (zona urbana)	3	4-6	Superior completo	Funcionária pública	24 meses

Fonte: Elaborado pela autora e adaptado conforme a norma da ABNT.

Utilizamos a codificação M (nº), buscando primeiramente convergências entre as participantes, portanto a letra M evidenciada é referente as iniciais das palavras “Mulher” e “Mãe” pois todas as participantes se enquadram nesse perfil. E os respectivos números, de 1 a 9, foram estabelecidos de acordo com a ordem de realização das entrevistas.

De acordo com a tabela 1 a idade das participantes varia entre 21 e 32 anos, dentre elas a maioria encontra-se casada ou em união estável, apenas 01 (uma) delas é solteira. Com relação à moradia, a maioria das entrevistadas residem em apartamentos ou casas localizadas na zona urbana da cidade, coabitando com mais 02 (duas) pessoas. Apenas 01 (uma) das participantes apresentou renda familiar abaixo de 02 (dois) salários mínimos e 01 (uma) acima de 06 (seis) salários mínimos. A idade das crianças varia de 12 meses a 24 meses. Com relação ao grau de escolaridade, a maioria das entrevistadas possui formação de nível superior, apenas 02 (duas) delas possui pós-graduação. Quanto as atividades profissionais desempenhadas 02 (duas) são funcionárias públicas, 04 (quatro) trabalham no setor privado e 03 (três) são autônomas.

Após realizadas e transcritas as entrevistas³, passaram pelo processo de análise de conteúdo, onde foram analisadas e discutidas, resultando na divisão de cinco eixos temáticos a partir dos objetivos da pesquisa e dos diferentes discursos apresentados nas respostas das questões norteadoras, conforme apresentados a seguir, possibilitando a compreensão a respeito da relação entre a maternidade e os papéis ocupacionais das primíparas.

CATEGORIA 1: PAPÉIS OCUPACIONAIS E DESEMPENHO DOS PAPÉIS

Ao serem questionadas a respeito do termo papéis ocupacionais, algumas mães demonstraram não ter familiaridade com o termo, nesse sentido foi dada uma explicação com a finalidade de fazer esclarecimentos, favorecendo a compreensão das questões. Após a explicação, foi perguntado a respeito dos papéis desempenhados por elas, que relataram desempenhar os papéis de mãe, esposa, filha, trabalhadora, cuidadora, amiga, irmã, tia, cunhada, membro da comunidade da igreja, estudante e dona de casa, conforme veremos:

“Hoje, considero o papel como mãe, como companheira e como filha (...) Questão de amigos e tal” (M1).

“Vamos à lista: Mãe, mulher, esposa, dona de casa, empregada. Aqui no trabalho também posso dizer que de cuidadora (...) Filha, apesar da distância, mas eu continuo sendo, cunhada e acho que é só isso” (M2).

³ As entrevistas estão disponíveis na íntegra no apêndice D.

“Esposa, mãe, dona de casa, trabalhadora (...), amiga, filha, irmã, tia” (M3).

“Eu tenho meu papel de esposa, sou casada, tenho meu papel de filha (...) eu tenho meu trabalho e estou tentando retornar ao meu papel de estudante”(M5).

“Hoje eu trabalho fora, aí tenho que cuidar de [nome da filha], aí além de onde eu trabalho, que eu sou servidora pública, eu trabalho com vendas também, trabalho com venda direta. E participo de algumas atividades da igreja” (M9).

Os papéis ocupacionais estão relacionados a rotina diária e aos comportamentos humanos, normatizando e organizando-os de acordo com as habilidades pessoais do sujeito, o contexto em que é executado, as pessoas envolvidas e a frequência com que é desempenhado (KIELHOFNER & BURKE, 1990 apud DIAS, 2012). Esses papéis citados pelas mães caracterizam o perfil da mulher moderna que lida com as demandas e responsabilidades da vida privada e pública.

Arteiro (2017) afirma que hoje as mulheres ocupam uma posição capaz de construir uma identidade feminina que visa também à realização profissional como forma de realização pessoal. Nesse sentido, verificamos que a posição feminina não está exclusivamente atrelada às atividades domésticas e a maternidade como outrora, expandindo para papéis desempenhados na cena pública.

Com a aquisição do papel materno surgem novas demandas para a rotina da mulher, sendo assim, ao serem questionadas sobre as mudanças no desempenho dos papéis ocupacionais após a maternidade, surgiram depoimentos sobre alterações que envolvem três áreas da ocupação humana: participação social, educação e trabalho.

A participação social é caracterizada pelo envolvimento do indivíduo com seus pares e amigos. Essa interação pode ocorrer pessoalmente ou virtualmente. A manutenção da participação social se dá através de atividades de diferentes níveis de interação e intimidade, incluindo atividade sexual conforme as expectativas da pessoa (AOTA, 2015).

O papel de amiga foi mencionado pela maioria das participantes. Os discursos mostram que essa nova rotina de cuidado culmina na priorização de momentos entre mãe e filho, diminuindo a frequência com que saem e uma maior seletividade com relação aos lugares que levam seus filhos, afetando assim a manutenção desse papel:

“Com relação às amizades eu, por exemplo, parei de sair porque [nome da filha] mama e ela não fica com outra pessoa por causa do peito (...). Então com relação as amizades sobraram pouquíssimas, é só quem vem na minha casa” (M1).

“Como amiga, principalmente porque agora que sou mãe não dá para sair ficar saindo direto, eu fico mais em casa” (M2).

“E os amigos é esporádico, faz um tempo que eu saí com amigos assim pra fazer alguma coisa” (M3).

“Acabo deixando outros papéis de lado, como, por exemplo, as minhas amizades, priorizo o convívio com meu filho, lazer com ele, o tempo todo eu priorizo tá com ele” (M5).

Tais falas revelam uma face da maternidade onde as mulheres, principalmente nos primeiros meses de vida do bebê, ocupam um espaço onde não cabem demandas além das existentes na relação entre a mãe e o bebê. Como sugere Arteiro (2017), ao vivenciar a maternidade a mulher encontra-se com a realização de um imaginário que vem sendo construído desde a sua infância, seja através das vivências com seus referenciais maternos ou das brincadeiras alusivas ao contexto materno. Dessa forma, o reconhecimento da identidade materna frente as experiências existentes nas relações de troca entre uma mãe e seu filho, provocam na mulher uma espécie de suspensão, temporária ou não, da sua identidade pessoal, deixando de lado o convívio social para priorizar os momentos de cuidado com seu filho, repercutindo, assim, nas relações de amizade, de trabalho e até mesmo em costumes e rituais que outrora eram significativos para ela.

Desse modo, se antes essas mulheres possuíam um forte engajamento nas atividades referentes à manutenção do papel de amiga, hoje elas se deparam com uma variação no envolvimento com pessoas externas ao ambiente familiar. Tal aspecto se caracteriza como ambivalente, ao mesmo tempo em que elas sentem falta do convívio com os amigos, demonstram priorizarem a permanência com seus filhos. Isso pode se justificar pelas próprias demandas do bebê, pela necessidade de envolvimento afetivo da própria mãe e insegurança em atribuir tais cuidados a outrem e, ainda, pela indisponibilidade de pessoas que possam substituí-las em tal tarefa.

No que se refere à relação entre pares, as mulheres relataram algumas transformações no relacionamento com o parceiro devido às demandas surgidas a partir do nascimento do

bebê. O relacionamento à dois é colocado em segundo plano e o papel de esposa e esposo é sobreposto pelo papel de mãe e pai:

“E com relação a esposa (...) hoje em dia a gente também é muito mais amigo do que namorado. A gente vive muito mais empenhado em cuidar da família em si, do que mais de nós dois mesmo, algo mais particular” (M1).

“Com relação ao meu papel de esposa, mudou bastante. (...) é aquele relacionamento de eu ser mãe e ele ser o pai. As conversas da gente giram mais em torno disso, dos cuidados com o bebê. Nossos planos, tudo, planejamento, orçamento, tudo é mais em função disso. Acabou que ficou um pouco de lado a privacidade do casal” (M5).

“Quando você é esposa você está só com o seu marido. E quando você tem um filho, praticamente toda a atenção vai mais pra ele, mais do que pro esposo” (M7)

Em meio a essa sobreposição de papéis, as mães se veem em uma situação onde o fator da sexualidade e da maternidade se chocam, devido ao tempo, demandas e responsabilidades resultantes da nova constituição familiar. Antes a família era constituída por duas pessoas, agora passa a abrigar um novo membro que solicita mais que carinho e atenção, demandando planejamento e organização.

Deixando de lado essa relação, o casal negligencia um fator importante para a manutenção desse papel de cônjuges, que é a sexualidade e intimidade da vida a dois. Conforme afirma Giffin (1991), a partir do momento em que a mulher passa pelo processo de parir, deve-se buscar um resgate pelo controle do seu corpo, assim como da sua relação sócio sexual com o parceiro. Neste contexto, onde existem obrigações a serem compartilhadas, a relação a dois corre o risco de ser colocada em suspensão.

No que tange a área da educação (referente às três áreas da ocupação humana mencionadas), observou-se que quatro das participantes, apontaram impasses na conciliação do estudo com a rotina materna, tal como podemos identificar abaixo:

“Antes da maternidade eu estudava, tentava estudar e também trabalhava. (...) Com relação aos estudos eu parei completamente. Eu até tentei voltar, meu esposo ficava com ela. Mas depois ele teve que trabalhar e não dava” (M1).

“[...] antes da criança eu estudava e hoje em dia não mais” (M2).

“[...] Em relação ao papel de estudante... mesmo trabalhando (...) de alguma forma gosto de estudar, seja pra fazer uma especialização, seja pra tentar um concurso. E agora eu ainda não me adaptei bem a essa rotina (...) pra eu conciliar com os estudos” (M5).

“Eu quero passar num concurso melhor, federal, mas no momento quando eu penso em estudar eu tô cansada, aí sem condição” (M9).

“Mas quando de fato você vai desempenhar, eles fogem um pouquinho dos planos da gente. Primeiro com relação ao tempo, eu não sabia que era todo esse tempo, então eu achava que conseguia, que seria mais fácil conciliar a maternidade com outros papéis como por exemplo de estudante” (M5).

Das mães que citaram o papel de estudante durante a entrevista, apenas uma afirmou que com relação aos estudos obteve melhor rendimento após o nascimento do filho:

“Por incrível que pareça, hoje estudando eu acho que eu estudo com mais qualidade do que antes de ser mãe. É muito estranho isso, mas eu acho que meus estudos rendem mais hoje com meu tempo mais curto do que antes” (M8).

O estudo, seja na participação na educação formal ou na educação pessoal informal, envolve atividades que são necessárias para a aprendizagem (AOTA, 2015). O papel de estudante, citado pelas mães, possui a finalidade de através da aprendizagem fornecer uma gama de melhores perspectivas profissionais e financeiras. Assim, elas não buscam o estudo apenas como forma de ascensão pessoal e profissional, mas sim para contribuir com a condição econômica familiar. Conforme afirma Arteiro (2017), com a entrada no mercado de trabalho e a exploração da mão de obra feminina, o trabalho da mulher foi reconhecido dentro de casa como uma fonte alternativa para a subsistência da família.

No que se refere as atividades laborais, as falas indicam que houve mudanças na execução das atividades de trabalho devido as demandas do filho e a conduta adotada pelas instituições diante da tentativa de conciliação do papel de mãe e de trabalhadora.

“No trabalho influenciou um pouco porque tem aquela questão quando adoece (...) acabo não tendo um bom desempenho quanto antes porque tem aquela correria [não, vou terminar e vou logo embora, porque ele tá doente” (M4).

“Porque vem a doença, vem você ter que ir trabalhar, vem você deixar o seu filho com alguém, vem tudo isso né? Acho que a parte mais difícil é essa parte de ser mãe é a parte da saúde, a parte da educação” (M7).

“Por exemplo a questão de emprego, eu fui demitida três meses após a volta da licença maternidade, e eu passei por uma coisa na empresa que foi terrível, foi humilhante (...)” (M1).

“No trabalho um pouco, né? Porque na verdade a gente trabalha porque é precisa, porque se nenhuma mãe precisasse é claro que ela ia optar por ficar cuidando do filho mais um pouco né? Mas aí eu tento dar o meu melhor no meu trabalho, porque a gente sabe que precisa dele porque é uma fonte de renda” (M7).

“Aí só a renda dele não dá, aí eu tive que me virar e aprendi a trabalhar em casa fazendo lembranças pra festa” (M6).

Após o nascimento do filho e o término da licença maternidade, as mulheres que trabalham fora de casa em um curto período são solicitadas a retornar ao mercado de trabalho. Esse retorno é caracterizado por exigências e desafios com a conciliação entre o papel materno e o profissional, culminando no surgimento de vários sentimentos relativos ao senso de completude e competência (ARTEIRO, 2017).

Frente a essas falas podemos considerar que as demandas com os filhos, principalmente em casos de doença da criança, levam a alterações no desempenho das mães devido às preocupações e encaminhamentos realizados para garantir a assistência necessária ao bebê, já que os primeiros anos de vida merecem muita atenção pelo fato dos bebês estarem passando por processos de maturação decisivos para o resto de sua vida. Isso mesclado a experiência de cuidar do primeiro filho, onde tudo que ocorre são aprendizados e inseguranças, as preocupações são ainda maiores por estarem lidando com o desconhecido.

Em contraponto, houveram algumas exceções que relataram não identificar alterações no desempenho em sua vida profissional:

“O trabalho continua o mesmo, da mesma forma” (M2).

“No trabalho não afetou tanto porque meu trabalho assim, é por hora mesmo. Tem hora de entrada e de saída, eu tenho que produzir dentro daquele meu horário, não mudou muita coisa” (M8).

Como o mercado de trabalho exige certos padrões e estabelecem regras a respeito da administração da carga horária dos trabalhadores, o estabelecimento rígido de uma jornada de trabalho associada a uma organização, estabelecimento de rotina e de uma rede de atenção estruturada para garantir o cuidado da criança no momento de trabalho da mãe, favorece uma diminuição dos impactos gerados pela maternidade ao desempenho no trabalho.

Um ponto importante a ser enfatizado pela pesquisa é a negligência do mercado de trabalho com relação as mulheres, pois da mesma forma com que a sociedade impõe as

mulheres uma função reprodutiva e de manutenção econômica, o mercado de trabalho não quer absorver essa demanda produtiva de mulheres mães alegando que seu desempenho produtivo é influenciado pelos momentos em que precisam se ausentar do emprego por causa do filho e pelas preocupações relacionadas a ele.

Além da entrevistada M1, as entrevistadas M7 e M4 relataram passar por situação semelhante. Contudo, deve-se destacar esta informação, pois episódios como estes não ocorrem de forma isolada na sociedade. Essa instabilidade no mercado profissional no setor privado, leva às mulheres a um lugar de insegurança, conforme sinalizado:

“Porque assim, eu já trabalhei em iniciativa privada e eu trabalhava na parte de recursos humanos e eu vi assim que na iniciativa privada ainda é pior (...) Porque eles preferem até não contratar, porque quando uma pessoa é mãe. Quando a pessoa tem filho dá um jeito de colocar pra fora, por conta que criança adoce muito e quando a criança adoce ela só quer a mãe principalmente. Às vezes eu penso em voltar, mas quando eu vejo essas coisas assim, eu vejo que o mercado de trabalho ele não tá preparado pra mãe” (M9).

Diante dos exemplos citados, podemos compreender que mesmo com a licença-maternidade a mulher ainda possui insegurança no mercado de trabalho. Essa insegurança é causada pelo número de mulheres demitidas após o término da licença maternidade, tendo como motivos de demissão situações e demandas relacionadas aos filhos. O que contrapõe o explicitado por Carvalho et al. (2006), onde afirmam que a licença-maternidade atualmente altera a inserção da mulher no mercado de trabalho e evita a retirada da sua força de trabalho após o nascimento do filho.

Hoje existe um movimento para o aumento da licença maternidade, onde segue a votação para ampliar de 120 para 180 dias a licença de todas as mães que trabalharem na iniciativa privada. Assim visa garantir seguridade a mãe e ao nascituro por mais tempo. O que nos leva a refletir sobre o impacto disso nas relações de trabalho, se hoje ocorrem situações como essas, presentes nos discursos das depoentes, o aumento da licença não garante a diminuição ou aumento das discriminações e abusos sofridos pelas mães no retorno ao mercado de trabalho.

Carvalho et al. (2006) consideram o aumento do período de licença-maternidade é um benefício importante e cogitam que esta decisão não produz um aumento de ações discriminatórias. Os autores ressaltam ainda a importância de um debate referente a divisão sexual do trabalho doméstico, pois a diferença entre a licença maternidade e a licença

paternidade gera uma responsabilização feminina como provedora do cuidado com os filhos, reforçando ainda mais esse padrão.

CATEGORIA 2: ARRANJOS PARA CONCILIAÇÃO DOS PAPÉIS

Para lidar com as demandas exigidas na manutenção dos papéis ocupacionais, os sujeitos necessitam construir meios de conciliação dos mesmos. As depoentes indicaram como arranjos que favorecem a conciliação dos papéis ocupacionais com o papel materno, alguns mecanismos que vão desde um estabelecimento de rotina, ao suporte familiar e utilização de dispositivos da rede educacional.

“Então assim, eu concilio do jeito que dá o que eu faço é: priorizo a maternidade sempre e os outros papéis eu vou tentando encaixar” (M5).

“(...) No meu ver eu acho que eu não consegui conciliar muito bem, porque eu acabei abrindo mão de muitas coisas” (M1).

“Ela fica aqui na creche” (M2).

“Com relação ao trabalho, ela fica com o pai quando eu saio pra trabalhar, eu deixo tudo arrumado, tudo pronto pra ele só ter a atenção de cuidar dela” (M3).

“O berçário ajudou bastante porque ele passa o dia (...). E finais de semana pra não ficar em casa, passo a semana trabalhando e ele passa preso no berçário, aí eu aproveito pra passear, pra ir pra casa dos familiares” (M4).

“[...] eu tenho pessoas que me ajudam. Eu trabalho na parte da tarde e noite, aí manhã ela fica comigo, tarde ela fica com a madrinha ou com o pai, agora vai ficar com a tia.” (M7)

Logo cedo, as mulheres necessitam delegar os cuidados dos seus bebês para terceiros para retornarem as suas atividades anteriores (ARTEIRO, 2017). O suporte familiar estabelece uma rede de apoio caracterizada pela confiança, favorecendo à mulher mais tranquilidade para desempenhar seus papéis (MERIGHI, 2011).

Regulamentadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as creches são dispositivos da rede educacional responsável pela educação infantil no país. Elas visam prestar cuidados a crianças de 0 a 2 anos, sejam estes cuidados referentes a higiene, alimentação, saúde e desenvolvimento saudável, tendo como prioridade o desenvolvimento intelectual, social e emocional da criança (BOGUS, 2007).

As mães citam as creches como um mecanismo de auxílio para a terceirização do cuidado com o bebê. Portanto, ao deixar o seu bebê sob os cuidados de estranhos pode, muitas vezes, ser angustiante para as mães, mas asseguradas pelo regimento das creches e pela proposta que propõe acompanhamento e estimulação do desenvolvimento da criança, existe uma maior adesão e aceitação.

CATEGORIA 3: MULHER, MÃE E PROFISSIONAL – MULTITAREFAS

A análise dos discursos suscitou a existência de multitarefas no cotidiano dessas mães. Elas apontam existir uma cobrança social acerca do bom desempenho dos papéis:

“(...) eu vejo como muito injusto, essa cobrança de que a mulher tem que ser uma boa mãe, uma boa dona de casa, uma boa esposa, uma boa profissional, pra ela ser notada, pra ela ser uma boa pessoa] eu acredito que não seja bem assim” (M1).

“Logo no início foi mais difícil, bem mais difícil. Porque conciliar o fato de ter que vir trabalhar, ter que cuidar de criança, cuidar de casa, cuidar do marido, foi tudo uma lapada de uma vez só” (M2).

“É uma experiência nova, e bem corrida. Dar conta de casa, ser mãe, trabalhar fora, exige muita responsabilidade, tempo e pouco sono. Tem sido bastante corrido” (M4).

“(...) a sociedade ela não só cobra, como ela condena a mãe a viver assim nesse lado mais negativo mesmo. Tipo assim, “tem que ser perfeito o seu trabalho, senão você vai sair” e vão culpar o seu filho, vão dizer ‘Ah! agora que você é mãe, você mudou’, quando na realidade não é bem assim. Porque quando você é mãe existem outras necessidades, outras prioridades” (M1).

Na sociedade capitalista “o trabalho de dona-de-casa” ainda é predominantemente direcionado a mulher. Durante as grandes guerras a mulher foi obrigada a trabalhar fora para garantir a subsistência da família e dos meios de produção. Com o término das guerras, os homens voltaram a suas casas e o sistema esperava o retorno da mulher para as atividades domésticas, porém muitas mulheres não deixaram seus empregos (BILAC, 2014). Assim começou o discurso que culpabiliza a mulher que não se dedica apenas aos seus papéis de cunho privado (mãe, esposa e dona-de-casa). Desempenhando os diversos papéis e assumindo dupla jornada de trabalho, à mulher foi destinado o título de “supermulher” (CAIXETA E BARBATO, 2004).

Esse contexto citado pelas mães, onde elas precisam ser boas mães, boas esposas e boas profissionais, vem sendo propagado socialmente há certo tempo. Conforme afirma,

Caixeta e Borbato (2004), essa ideia vem sendo perpetuada de maneira transgeracional desde o século XVIII onde as mulheres foram colocadas em um patamar responsável pela solução de problemas no espaço doméstico.

As conciliações geradas por essas demandas impactam diretamente na percepção da mulher sobre si mesma, pois elas atuam em diferentes funções, priorizando o trabalho, as atividades domésticas e os filhos. As consequências disso são consideradas pela sociedade como algo natural que deve ser vivenciado e aceitado (MERIGHI, 2011).

CATEGORIA 4: SER UMA “BOA MÃE” – INSEGURANÇAS E DESAFIOS

O papel de mãe é considerado passível de muitas cobranças e idealizações por parte da sociedade, sendo o ideal de boa mãe empregado por ela um incentivador para que a mulher molde seu comportamento materno ao que é instituído, assim as mães colocam em julgamento suas atitudes e decisões. Neste ponto, as opiniões das pessoas que lhe cercam são levadas em consideração e influenciam, de certo modo, na vivência materna, assim a sociedade se vê no direito de julgar as ações das mulheres como corretas ou incorretas.

“Eu acho que é mais os outros, porque como diz o ditado fica querendo dar palpite onde não é seu. A forma com que você tem que criar, a forma que você tem que educar, o que você tem que vestir, que você tem que fazer, o que você tem que dar de comer e assim vai” (M2).

“(...) eu vejo que eu ainda tenho muita coisa a melhorar em relação ao meu papel materno, por ser mãe de primeira viagem. (...) é bem difícil uma mãe solteira ter que sustentar tudo, financeiramente, carinho, amor, atenção, entendeu o que tá sendo mais difícil é isso. E a ausência do pai pesa, porque sozinha é meio complicado” (M4).

“Acho que há muita cobrança por parte de todo mundo (...) e as vezes acaba que a gente se coloca e passa a se questionar, acho que por conta de tanta cobrança a gente acaba a se questionar se está sendo uma boa mãe, se tá desempenhando um bom papel, por conta disso” (M5).

“(...) eu tento ser uma ótima mãe, mas eu ainda vejo falhas com relação a isso. Mas é cada dia um aprendizado diferente e eu tento melhorar. Ter tempo pra ele, o principal é esse, ter tempo, fora ser dona de casa e trabalhadora” (M4).

“As pessoas assim, criam a maternidade como a coisa mais maravilhosa do mundo, mas sem destacar as dificuldades. (...) a parte mais difícil é com relação aos primeiros dias, a adaptação de uma

nova rotina. (...) quando passa os primeiros dias que você se adapta, que você consegue ter uma rotina, aí você consegue viver o lado bom da maternidade” (M3).

“ Porque a gente tem uma visão da maternidade de outra forma, a gente vê a criança ‘como é bom’, ‘como é legal’, ‘ah! ela rindo, ela brincando’. Existe realmente esse lado maravilhoso. Mas por traz de tudo isso, existe o lado assim de que você acorda cedo, você dorme tarde” (M1).

Para as entrevistadas, existe uma fantasia a respeito da maternidade onde escondem toda a parte difícil, deixando evidente apenas a parte sublime do que é vivenciado. A partir do momento em que se tornam mães elas passam a perceber que existem muitos desafios e demonstram dificuldades em administrá-los, portanto passam por um período longo até a adaptação. Outra queixa relacionada a isso está nos “palpites” dados pelas pessoas próximas, ou até mesmo desconhecidos, que visam qualificar como certa ou errada a postura da mãe com relação aos cuidados com o filho.

Arteiro (2017) alerta sobre os riscos da produção social de normas maternas, capazes de induzirem as mulheres a se adequarem a um padrão. Tendo em vista que essas normas são reflexo de contextos históricos e da propagação de teorias. Frente a esses modelos, elas passam a comparar e se questionar sobre a forma com que estão lidando com a maternidade, se estão executando o papel de forma suficiente para ser uma boa mãe.

Rapoport e Piccinini (2006) ressaltam a importância do cônjuge para lidar com as demandas parentais, pois o apoio, os comportamentos e os conselhos gerados em uma relação saudável e compreensiva dão suporte emocional para o enfrentamento das responsabilidades. Assim, as mães que possuem um apoio de um companheiro ou do pai da criança para lidar com os processos que envolvem a criação do filho, demonstram ter condições mais favoráveis para a conciliação dos papéis.

Essa situação é explicitada quando a mulher assume sozinha a responsabilidade pela criação do filho. Uma das mães, que se intitula “mãe solteira”, afirma ter dificuldades para lidar com as demandas do bebê sem a ajuda do pai da criança. Além de arcar com as despesas financeiras, ela necessita dar ao seu filho todo suporte emocional para que ele tenha um desenvolvimento saudável.

Durante a pesquisa foi possível perceber que as cobranças e expectativas da sociedade são muitas para que elas atinjam um ideal de mãe perfeita. Esse tal ideal construído preconiza que a mulher deve conduzir multitarefas e se destacar em todas elas, sem abrir mão de nenhum dos seus papéis e executando-os de maneira admirável por todos. Deste modo algumas ressaltaram a importância de um acompanhamento profissional para dar suporte neste processo:

“É muita coisa, as vezes a gente não tem com quem conversar essas coisas. Eu acho que se a gente procurasse uma pessoa pra conversar, um profissional, eu acho que aí seria bem melhor pra gente também, pra desopilar mais um pouco e dar um suporte.” (M7)

“Eu acho que assim, o que me ajudou muito foi essa parte da profissional ter me aberto a mente que essa visão de mulher maravilha, aquela mulher com múltiplas mãos fazendo de tudo ao mesmo tempo, segurando bebê no colo, limpando a casa, estudando. Aquela mulher polvo não existe.” (M8)

No contexto das falas podemos visualizar duas situações diferentes de reconhecimento da necessidade de acompanhamento profissional. Uma delas reflete a situação de muitas mães que se sentem desamparadas durante esse momento de construção materna. Essa é uma realidade presente na sociedade visto que a atenção nesse momento se volta de forma exclusiva para o bebê. Assim as mães se veem sem apoio para falar sobre questões referentes a ela e as dificuldades vividas, pois possuem medo de julgamentos e más interpretações.

Já a segunda fala refere-se a uma mãe que diferente das outras teve acompanhamento psicológico pré e pós-parto, assim a profissional lhe auxiliou no processo de organização da rotina e de divisão de tarefas para a diminuição de sobrecarga. Neste depoimento é possível visualizar o impacto do acompanhamento profissional na rotina da entrevistada e na sua interpretação da situação em que se encontra.

Esses questionamentos giram em torno da necessidade de assistência profissional voltada à saúde da mulher- mãe. De acordo com Brasil (2007), na perspectiva da saúde da mulher existem fragilidades no que tange certas demandas, como por exemplo, a saúde ocupacional e a saúde mental das mesmas conforme mencionada pelas entrevistadas.

CATEGORIA 5: AUTOPERCEPÇÃO DAS MULHERES DIANTE DA MATERNIDADE

Diante da realidade das mães, repleta de idealizações e expectativas, ergue-se durante as falas das colaboradoras expressões que indicam felicidade, realização, mudanças, enfrentamento e resiliência. Ao imergir nestas falas é possível compreender alguns dos sentimentos gerados nessas mulheres a partir da experiência da maternidade:

“Eu imaginava que ia ser difícil, realmente foi, não muito como eu imaginei, mas deu para levar até hoje graças a Deus” (M2).

“Foi uma experiência maravilhosa, porém desafiadora (...)” (M4).

“[...] eu fico até emocionada assim porque é um amor que você não consegue mensurar, é o sentimento maior do mundo. E hoje eu sou completamente feliz, por conta da minha filha, é tudo pra mim” (M3).

“Não me arrependo, de jeito nenhum, a maternidade é a melhor coisa que aconteceu na minha vida, mas assim é bem difícil mesmo” (M5).

O universo da maternidade é repleto de situações, que ao serem vivenciadas despertam inúmeras sensações. Ser mãe representa estar frente a algo que vem sendo construído a muito tempo, uma concretização do imaginário capaz de modificar a vida das mulheres de maneira significativa. Ao passar pela experiência são aguçados comportamentos e planejamentos para que reflita nela uma imagem de competência, responsabilidade, resiliência, amor, transformação e completude.

A partir das falas, podemos entender que para essas mulheres, ser mãe compreende um espaço onde se deve viver os desafios, as alegrias, as transformações e os sentimentos gerados como uma forma de mostrar a si e aos demais que em meio a tantas tribulações a maternidade é um espaço de mudança onde elas consideram a aquisição desse papel como a melhor coisa que aconteceu em suas vidas e não conseguem visualizar a si sem estar desempenhando o mesmo. Arteiro & Passos (2016) acusam a existência de uma herança, essa postula um ideal materno que estabelece como fundamental para o exercício da maternidade um amor incondicional entre mãe e filho, onde não há espaço para relatar dificuldades ou fragilidades no processo de construção desse vínculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprofundar-se na discussão a respeito da maternidade e suas impressões na vida da mulher nos transfere a uma face onde ocorre a concretização de um imaginário construído através de expectativas, idealizações e referências do universo feminino. A maternidade proporciona experiências belas conforme é reproduzida nos livros, filmes e revistas, porém a romantização excessiva é capaz de mascarar e ignorar determinados desafios, consequências e sofrimentos.

Há atualmente a naturalização de um estilo de vida feminino caracterizado pelo acúmulo de funções e sobrecarga de tarefas. Tais demandas geram uma carga mental exaustiva, pois os diversos contextos aos quais está inserida solicitam demandas diferentes. Mesmo com o passar do tempo e com a modernização da sociedade, em muitas classes é mantida a ideia de que faz parte do papel da mulher assumir a responsabilidade pelo trabalho doméstico, assim qualquer ação seja por parte do companheiro ou da família é vista como um tipo de ajuda, não como uma corresponsabilização.

Seja fora de casa ou em *Home Office*, as mulheres lidam com um mercado de trabalho que não é capaz de entender seu contexto. Ao se tornarem mães muitas delas se sentem ameaçadas em seu papel profissional, pelas empresas que consideram a alteração do desempenho após o nascimento dos filhos prejudicial ao sistema produtivo. Porém, esse não é o único papel afetado com a aquisição dessa nova função. Sendo assim compreender os desequilíbrios ocupacionais causados pela aquisição do papel materno dá espaço para a visualização da complexidade da mulher mãe.

A pesquisa contou com a participação mães primíparas que possuíam condições socioeconômicas, funções profissionais e idades distintas. As entrevistadas apresentam alterações no desempenho de diversos papéis, sendo destacados por elas o papel de esposa, estudante, trabalhadora e amiga, consideradas por elas consequência do surgimento das demandas de mãe, que anteriormente não existiam em suas vidas.

A adaptação a nova rotina acontece aos poucos, para algumas já é possível a conciliação dos papéis após elencar como prioridade o cuidado com o filho e abdicar de certos costumes anteriores a maternidade, já outras se encontram em um processo de adaptação e acreditam que aos poucos irão se acostumar. Elas ressaltam o papel significativo da rede de suporte familiar, creches e berçários para essa conciliação.

Ao dar voz às mulheres neste trabalho, buscou-se mostrar a realidade existente no cotidiano das mães primíparas e lançar mão de reflexões sobre a maternidade na

contemporaneidade. Como desafio encontrado para a elaboração desse estudo, revela-se a escassez de produções da Terapia Ocupacional voltada para a temática, porém a contribuição de outras áreas de conhecimento proporcionou a construção de uma discussão ampla e interdisciplinar neste universo da maternidade.

Na Terapia Ocupacional ao buscar desbravar esse contexto, as construções das intervenções voltam-se para atenção materna a partir do direcionamento para o desempenho ocupacional. Abordagens que incluam a orquestração do tempo, manutenção de vínculo com o bebê, educação em saúde e resgate da autoestima, são capazes de contribuir para a minimização dos impactos causados pela conciliação desses papéis.

Por fim, considera-se a importância dessa temática para os campos da saúde e ciências humanas para que ocorram novos estudos e construção de pontos de vista na área, para o desenvolvimento de maiores e mais efetivas políticas públicas, que garantam atenção e cuidado ao público da pesquisa. Assim, espera-se que esse estudo contribua para a ampliação das discussões e ações acerca da saúde materno-infantil, visto que existe uma tendência acadêmica e de prática profissional a voltar sua atenção a esse público apenas em situações ligadas a adoecimentos e transtornos.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, K. S.; VITORIA, T.; ROSSETTI-FERREIRA, M.C. Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. *Cadernos de pesquisa*, n. 109, p. 115-144, 2000.
- AOTA. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo 3ª ed. Tradução: CAVALCANTI, A.; SILVA E DUTRA, F. C. M.; ELUI, V. M. C. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*, 2015.p. 1- 49. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/issue/viewIssue/7332/287>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- ARAGÃO, R.O. *Tornar-se mãe do seu próprio filho*. Edt. Honoris Causa. Curitiba, 1. ed, 2011.
- ARTEIRO, I.L. A mulher e a maternidade: um exercício de reinvenção. *Tese Doutorado*. Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2017. Disponível em <http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/973/5/isabela_lemos_arteiro_ribeiro_lins.pdf> Acesso: 10 jun. 2018
- ARTEIRO, I. L. PASSOS, M.C. A intervenção na cena analítica: entre o bebê imaginário e o bebê real. In: XIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental e VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, Anais, João Pessoa, 2016.
- ASSIS, M.C. *Metodologia do trabalho científico*. In: FARIA, E. M. B.; ALDIGUE, A.C.S. (Org.). Linguagens: usos e reflexões. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, v. II, p. 269-301, 2008. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/metodologia_do_trabalho_cientifico_1360073105.pdf> . Acesso em: 08 dez.2017.
- BILAC, E. D. *Trabalho e família: Articulações possíveis* . Tempo Social, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 129-145, jun, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84984>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- BÓGUS, C. M. et al. *Cuidados oferecidos pelas creches: percepções de mães e educadoras*. .Rev. Nutr., Campinas, v. 20, n. 5, p. 499-514, 2007. Disponível em <<http://www.repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/3931/S1415-52732007000500006.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> .Acesso em: 15 mai. 2018.
- BORDALO, A. A. *Estudo transversal e/ou longitudinal*. Rev. Para. Med., Belém, v. 20, n. 4, p.5, dez, 2006. Disponível em:

<http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-59072006000400001&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 11 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada . *Manual técnico*. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília, 2005. Disponível em < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_pre_natal_puerperio_3ed.pdf >. Acesso em: 19 mai 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes . Secretaria de Atenção à Saúde, *Departamento de Ações Programáticas Estratégicas*. Brasília, 2004. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2018.

CAIXETA, J. E.; BARBATO, S. Identidade feminina: um conceito complexo. *Paidéia*, v. 14, n. 28, p. 211-220, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/10>> . Acesso em: 05 mai. 2018.

CARVALHO, S. S.; FIRPO, S.; GONZAGA, G. Os efeitos do aumento da licença-maternidade sobre o salário e o emprego da mulher no Brasil. *Pesquisa e planejamento econômico*, v. 36, n.3, p. 489-524, 2006. Disponível em < http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3795/1/PPE_v36_n03_Efeitos.pdf >. Acesso em: 05 mai 2018

CAMACHO, R. S. et al. Transtornos psiquiátricos na gestação e no puerpério: classificação, diagnóstico e tratamento. *Rev Psiq Clín*, v. 33, n. 2, p. 92-102, 2006. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Amaury_Cantilino/publication/247853424_Transtornos_psiquiatricos_na_gestacao_e_no_puerperio_classificacao_diagnostico_e_tratamento/links/57e6b77008aedcd5d1aa9ea2/Transtornos-psiquiatricos-na-gestacao-e-no-puerperio-classificacao-diagnostico-e-tratamento.pdf > . Acesso em : 24 mai 2018

CREPEAU, E. B; SCHELL, B. A. B. Analisando Ocupações e Atividades. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. *Willard & Spackman: Terapia Ocupacional*. 11a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 16, n. 3, p. 221-231, 2000. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v16n3/4809.pdf>> . Acesso em: 24 mai 2018.

DIAS, V. N. et al. Transplante de células-tronco hematopoéticas-um estudo controlado sobre papéis ocupacionais 1. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 20, n. 2, p. 165-171, 2012. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/profile/Marysia_De_Carlo/publication/251238602_Transplante_de_celulas-tronco_hematopoeticas_um_estudo_controlado_sobre_papeis_ocupacionais/links/0deec51efdace9f4a7000000/Transplante-de-celulas-tronco-hematopoeticas-um-estudo-controlado-sobre-papeis-ocupacionais.pdf>. Acesso em: 10 abr 2018

ESTÉS, C. P. *Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Tradução: BARCELLOS, W. Rocco: Rio de Janeiro, 2004.

FINCO, D. F. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-Posições*, v. 14, n. 3, p. 89-101, mar, 2016. Disponível em:
 <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863>>. Acesso em: 02 mar 2018.

GIFFIN, K. M. Nosso corpo nos pertence: a dialética do biológico e do social. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 7, p. 190-200, 1991. Disponível em: <
https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X1991000200005&script=sci_arttext&lng=#ModalArticles>. Acesso em: 12 nov 2017

HAGEDORN, R. *Fundamentos para prática em Terapia Ocupacional*. Tradução (3ª ed. original) RASO, 2003.

IACONELLI, V. Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna. *Tese Doutorado*. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em <
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-07052013-102844/en.php>>. Acesso: 30 de nov. 2017

KIELHOFNER, G. Modelo da ocupação humana. In: CREPEAU, E. B., COHN, E. S., SCHELL, B. A. B. *Willard & Spackman: Terapia Ocupacional*. 11a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

LOBO, S. As condições de surgimento da Mãe Suficientemente Boa. *Rev. bras. psicanál*, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 67-74, 2008. Disponível em
 <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 22 Fev 2018.

MERIGHI, M. A. B. et al. Ser docente de enfermagem, mulher e mãe: desvelando a vivência sob a luz da fenomenologia social. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 19, n. 1, p. 164-170, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n1/pt_22>. Acesso em: 20 nov 2018.

MINAYO, M. C. S. *Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec. São Paulo. 12^a ed. 2010, p. 57.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C.A. Apoio social e experiência da maternidade. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, São Paulo , v. 16, n. 1, p. 85-96, abr. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso :15 jun. 2018

SENADO, Federal. Projeto de Lei nº72/2017. Altera a Lei nº10.710, de 5 de agosto de 2003 que dispõe sobre o período de licença-maternidade e paternidade. *Senado Federal*, Brasília Disponível em:< <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/128502>>. Acesso em: 20 mai 2018.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2016. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>> Acesso em: 17 nov. 2017.

ZORNIG, S. M. A. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 fev. 2018.

APENDICE A - IDENTIFICAÇÃO

Nome:		
Idade:	Idade do bebê:	
Cidade:	<input type="checkbox"/> Zona rural	<input type="checkbox"/> Zona urbana
Estado civil: Solteira <input type="checkbox"/> Casada <input type="checkbox"/> Viúva <input type="checkbox"/>		
Tipo de moradia: Casa <input type="checkbox"/> Apartamento <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> : _____ Quantos residem: _____ Renda familiar: 2 a 4 salários <input type="checkbox"/> 4 a 6 salários <input type="checkbox"/> acima de 6 salários <input type="checkbox"/>		
Escolaridade: Ensino fundamental completo <input type="checkbox"/> incompleto <input type="checkbox"/> Ensino médio completo <input type="checkbox"/> incompleto <input type="checkbox"/> Superior completo <input type="checkbox"/> incompleto <input type="checkbox"/> _____ Pós- graduação <input type="checkbox"/>		
Trabalha: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Onde trabalha: _____		
Tipo de parto: Cesáreo <input type="checkbox"/> Vaginal <input type="checkbox"/> Fórceps <input type="checkbox"/> Hospital: público <input type="checkbox"/> privado <input type="checkbox"/>		

APENDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1 Você compreende o que são papéis ocupacionais? Quais são os papéis que você considera desempenhar hoje?
- 2 Para você como tem sido o processo de construção do papel materno?
- 3 Você considera que o desempenho nestes papéis ocupacionais sofreu alguma modificação após a maternidade? Caso afirmativo defina quais e de que forma?
- 4 Como você concilia o papel materno com os demais papéis?
- 5 Você considera haver muitas expectativas e idealizações em torno do papel materno? Se sim, quais os desafios enfrentados por você para lidar com tais expectativas no processo de construção de sua maternidade?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante,

Esta pesquisa tem como título **“A maternidade e seu impacto nos papéis ocupacionais de primíparas”**, está sendo desenvolvida pela pesquisadora **Rafaela Correia Rodrigues Behar**, discente do curso de graduação Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação da professora **Isabela Lemos Arteiro**, tal pesquisa constitui o Trabalho de Conclusão de Curso da discente.

O objetivo dessa pesquisa é identificar os impactos da maternidade nos papéis ocupacionais de primíparas após o primeiro ano de vida do bebê. Visando também, descrever quais os papéis ocupacionais desempenhados pelas mães antes e durante a maternidade, compreender a importância destes na vida da mulher e identificar as formas de conciliação entre outros papéis e o materno.

Para tanto, a senhora será solicitada a responder cinco questões referentes ao tema. Suas respostas serão anônimas e os dados mantidos em sigilo. Apenas os pesquisadores diretamente envolvidos na pesquisa terão acesso a esses dados.

Solicitamos sua colaboração para o estudo, assim como autorização para apresentação dos resultados em publicações e eventos científicos. Informamos que a pesquisa oferece riscos mínimos, referentes à presença de questionários/entrevistas, não sendo considerada nociva à saúde.

Os dados obtidos na pesquisa serão mantidos sob sigilo no Departamento de Terapia Ocupacional do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba por 5 anos e, após esse período, serão descartados, de acordo com a Resolução número 466 de 12 de novembro de 2012.

Esclarecemos que sua participação estudo é **voluntária** e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo

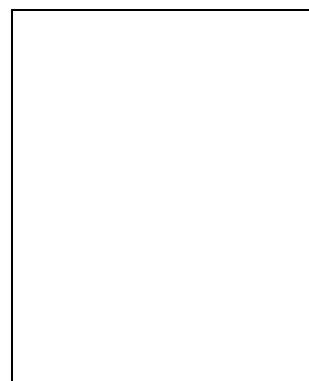
Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Espaço para impressão
dactiloscópica



Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, contatar a pesquisadora orientadora Isabela Lemos Arteiro Ribeiro Lins no Departamento de Terapia Ocupacional CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I. Ou o Comitê de Ética do CCM: : Centro de Ciências Médicas, 3º andar, sala 14 - Cidade Universitária - Campus I, Universidade Federal da Paraíba, CEP: 58051-900, Bairro Castelo Branco – João Pessoa – PB Telefone: (83) 3216.7619 E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br

APENDICE D - ENTREVISTAS

1 Você compreende o que são papéis ocupacionais? Quais são os papéis que você considera desempenhar hoje?

M1: No caso assim, eu vejo como o papel que a gente desempenha funcional, não só financeiro, mas de atividade, eu entendo assim, mais ou menos isso. ((Explicação sobre papel ocupacional)). Hoje, considero o papel como mãe, como companheira e como filha. Eu acredito que sejam minhas principais atividades, não tem nada além disso. Não estou envolvida em outros papéis, porque estou me dedicando agora, nesse momento especificamente, a minha filha de atividade assim. Questão de amigos e tal, bem superficialmente, é mais essa questão de filha. Porque minha mãe me ajuda muito assim, eu *tô* com ela na diversão, no trabalho, tudo é com ela. É isso mesmo. Meu ciclo tem sido mais esse assim de *tá* em casa cuidando de [nome da filha] ou *tá* com mainha cuidando de [Nome da filha]. E o tempinho que sobre é *pro* companheiro *pra* gente conversar e outras coisas. Antes da maternidade eu estudava, tentava estudar e também trabalhava. Eu era atendente de telemarketing, na [nome da empresa]. E saía muito, tinha boas relações com vários amigos, tudo. Que mudou muito mesmo depois da maternidade com certeza.

M2: *Pra* falar a verdade é a primeira vez que ouvi falar. ((Explicação sobre papel ocupacional)). Vamos à lista: Mãe, mulher, esposa, dona de casa, empregada. Aqui no trabalho também posso dizer que de cuidadora, porque eu cuido das crianças. Filha apesar da distância, mas eu continuo sendo, cunhada e acho que é só isso. Tirando o fato de dona de casa eu sempre fui porque eu moro só desde os 18 anos. Aí vem o marido e a filha, antes de estudante, porque antes da criança eu estudava e hoje em dia não mais.

M3: O que vem na minha mente é o que a mulher desempenha, não só no lar, como fora do lar, é tudo o que ocupa o tempo dela. ((Explicação sobre papel ocupacional)). Esposa, mãe, dona de casa, trabalhadora autônoma e dentre os que você já falou, amiga, filha, irmã, tia. Nesse meio familiar eu convivo bastante com a minha família.

M4: Eu creio que são os papéis do dia a dia, no caso das mães quem trabalha em casa, quem trabalha fora, quem cuida dos bebês, eu creio que seja isso. ((Explicação sobre papel ocupacional)). Principalmente dona de casa, dona do lar, trabalhadora e mãe. Antes da maternidade era mais de trabalhadora porque desde os 18 anos eu trabalho, só que não tinha aquela responsabilidade de casa, a partir do momento em que decidi ser mãe.

M5: Papéis ocupacionais eu entendo que são os papéis que qualquer pessoa, qualquer indivíduo desenvolve. Digamos que impõem uma certa rotina e que não necessariamente é um trabalho assalariado. Mas por exemplo a maternidade eu vejo como um trabalho ocupacional, é algo que tem uma rotina que traz uma ocupação. Então, é nesse sentido assim, além dos papéis que são mais comuns que a gente *tá* acostumado a ver. Que é aquele trabalho fixo, ou aquele trabalho informal. ((Explicação sobre papel ocupacional)). Hoje o principal, que é o maior foco e que é a minha dedicação quase que 100% em termos de tempo, de tudo, é o da maternidade. Não só porque eu *tô* sem trabalhar formalmente, mas porque é algo que mudou a minha vida. Então, desde o acordar do bebê eu passo a desempenhar o meu papel até ele ir dormir, na verdade até depois que ele dorme eu vou fazer as atividades relacionadas a ele. Então, esse é o meu papel principal. Eu tenho também os outros papéis hoje estão todos em segundo plano. Eu tenho meu papel de esposa, sou casada, tenho meu papel de filha, tenho meu papel de... eu tenho meu trabalho informal que ocupa pouco tempo e estou tentando retornar ao meu papel de estudante porque eu *tô* querendo tentar doutorado esse ano e nos intervalos do meu tempo, de todos esses papéis sobretudo o papel da maternidade eu tento encaixar o meu papel de estudante.

M6: Não faço a mínima ideia ((Explicação sobre papel ocupacional)). Eu desempenho o papel de mãe, de dona de casa, de trabalhadora, de contadora, de empresária. Porque sou eu que cuido de tudo lá em casa, até a renda lá de casa quem administra sou eu, tudo sou eu. O menino, o marido, a casa, o trabalho é muita coisa.

M7: {Fez sinal de não com a cabeça} Sei não, você vai ter que falar um pouco. ((Explicação sobre papel ocupacional)). Mãe, esposa, trabalhadora, filha, amiga. Antes da maternidade, o papel de sair mais da liberdade que não tenho como tinha antes, entendeu? Esse papel eu deixei um pouco de exercer.

M8: Com relação a distribuição de tarefas de casa, papel ocupação da pessoa... Eu acho que é aquilo que a pessoa faz, se ocupa diariamente, independente de remuneração, independente de nomenclatura, de profissão é aquilo que ela diariamente faz o papel dela. ((Explicação sobre

papel ocupacional))). Hoje eu desempenho o papel de mãe, esposa, dona de casa não porque esse papel eu deleguei *pra* conseguir dar conta, papel de estudante porque eu sou concurseira, estudo *pra* concurso e meu papel de profissional. Antes da maternidade meu papel era basicamente esse, meu trabalho, papel profissional, meu papel de estudante e de esposa. Eu sempre deleguei essa parte de dona de casa, porque eu acho que se você tentar tomar conta de tudo você meio que tira[interrompida pelo marido e o bebê]. Eu tive que delegar e eu deleguei justamente foi através de uma consulta que eu tive com a psicóloga quando ela falou “[nome da entrevistada] você vai ter que delegar, se você não delegar. Se você não confiar nas pessoas você vai acabar surtando” e é verdade. Eu assim deleguei essa parte doméstica, mais da casa para uma secretária que trabalha com a gente. A parte de [nome do filho] meu marido me ajuda muito, ele é praticamente mãe de [nome do filho], ele fica mais com [nome do filho] do que eu mesma. Eu tive que delegar. Sofre um pouquinho, não é fácil, principalmente o papel de mãe. Mas quando a gente tem outros sonhos a gente abre mão de outros.

M9: Sei lá, eu acho que é função de cada um, a função de pai, a função da mãe... ((explicação sobre papel ocupacional))). Hoje eu trabalho fora, aí tenho que cuidar de [nome da filha], aí além de onde eu trabalho, que eu sou servidora pública, eu trabalho com vendas também, trabalho com venda direta. E participo de algumas atividades da igreja. Também tem a função de esposa né? Que muda tudo quando nasce, quando nasceu [nome da filha]. Muda completamente, porque a gente vai ter que dividir atenção entre [nome do esposo], meu esposo e entre ela. E as vezes fica complicado, porque como ela depende muito da gente, consome muito tempo. Como tanto ele, quanto eu, trabalham, é bem complicadinha a vida da gente, é bem corrida, bem corrida mesmo.

2 Para você como tem sido o processo de construção do papel materno?

M1: Eu sempre gostei de criança e sempre tive isso muito certo na minha vida, de que um dia eu ia querer ser mãe. No momento que eu engravidei, eu *tava* me preparando para engravidar. Porque eu *tava* no emprego já algum tempo, tinha um plano de saúde, já *tava* com meu companheiro a um tempo e a gente decidiu que queria ter um bebê. E antes disso, assim, um pouco antes eu não pensava não em ter. Porque eu estava em outra fase, uma fase mais de aproveitar mesmo, viajar, curtir e sair. Depois disso veio meu companheiro, a gente tem uma relação legal, a gente já era amigo e tudo, aí facilitou né? Aí a gente decidiu ter [nome da filha]. O processo de gestação e tudo, foi bem complicado assim porque eu apresentei pressão alta, mas muito devido ao trabalho, ao tipo de função que era muito estressante. Eu trabalhava a noite, então tudo isso somou *pra* que eu no início da gravidez tivesse uma gravidez não tão

tranquila. Eu vivia no médico, tudo. Aí eu me afastei pelo INSS, por conta disso, da pressão alta e por causa do estresse direto assim de trabalho. E também por questões de perseguição mesmo. Logo quando eu engravidei, eu tive uns problemas com relação a supervisão que começou a criar problemas *pra* mim lá dentro, sabe? Aí eu me afastei né? Aí nesse processo de me afastar, eu tive que ficar sem sair, mesmo estando sem trabalhar eu não podia, por conta mesmo de ser mais delicada essa questão do estresse era muito grande. Eu fiquei com os nervos muito aflorados. E aí veio esse processo de construção assim de que assim minha vida tinha mudado, não estava mudando, já tinha mudado. Que eu ia ser mãe, de que tudo era diferente. Eu passei a ter mais medo. Medo de não dar certo alguma coisa, medo de não ter como me manter depois, medo de sair na rua e ser assaltada. Tudo que é medo assim, apareceu de onde eu nem imaginava que tinha. Aí pronto, quando ela nasceu foi mais tranquilo. Foi assim, eu tive apoio do meu esposo, de mainha, a mãe dele, todo mundo cuidou de mim e dela junto. E nesse sentido depois que ela nasceu foi mais tranquilo. Mas hoje em dia eu vejo que eu já preciso mudar na questão de que eu só vivo *pra* ela. Preciso agora mudar um pouquinho, porque agora também ela já *tá* grandinha, já dá *pra* desapegar um pouco. Mas é mais isso assim que eu vejo. Na minha construção materna, se deu assim. Eu quis ter ela e depois a gente vai aprendendo a lidar com as dificuldades, as barreiras que vão vindo. Mas tranquilo.

M2: Logo no início foi mais difícil, bem mais difícil. Porque conciliar o fato de ter que vir trabalhar, ter que cuidar de criança, cuidar de casa, cuidar do marido, foi tudo uma Lapada de uma vez só. Mas hoje em dia *tá* mais fácil agora que ela já está andando, *tá* mais virada porque aprendeu a andar, mas dá para conciliar melhor do que antes. Eu sempre deixei bem claro que não queria casar e nunca quis ter filho, pensava sim bem futuramente quando já tivesse formada e tivesse condições de manter minha filha e de me manter para nunca precisar depender de ninguém. Mas aí foi quando conheci meu marido, casei e tive minha filha. Não foi bem planejado, foi meio que um deslize, aconteceu. Mas *pra* dizer que foi planejado, planejado não foi.

M3: Foi uma experiência maravilhosa, porém desafiadora. Porque como eu não tinha muita ajuda de pessoas da minha família ou de alguém próxima eu tive que aprender a fazer tudo sozinha. Às vezes eu ficava chorando, até antes de ter a minha filha eu chorava muito, eu criei muita expectativa. Eu fiquei com muito medo de não saber cuidar, de não saber dar aquela atenção, porque amor eu já ia dar de sobra, mas dar aquele cuidado que um recém-nascido

necessita. Então assim foi muito difícil, mas quando a minha filha nasceu, nasceu uma mãe. Então automaticamente, digamos que eu aprendi tudo alí. Assim que eu olhei *pro* rostinho dela, que eu tive essa troca de sentimento, de amor eu recebi essa capacitação de Deus, eu acredito muito nisso. E eu venho enfrentando assim, desafios diários principalmente com relação à quando ela adoece, que logo no início eu ficava muito aperrada, não sabia o que fazer, eu chorava mais que ela. Era desesperador, mas como ela já tem dois aninhos, então assim, eu já passei por essa fase mais complicada de recém-nascido e eu *tô* sabendo ter mais o controle da situação. O controle emocional dessas situações. Qual foi a pergunta mesmo?

Diante de tudo isso que eu falei o processo de construção está sendo diariamente. A cada dia é uma nova descoberta, a cada dia o que ela me mostra dela, da dependência dela por mim e pelo pai também. E *tá* sendo maravilhoso, é uma experiência única, única que eu aconselho todo mundo a ter, pelo menos um filho *pra* ter essa experiência.

Eu sempre pensei em ter filhos, no momento em que ela veio foi uma surpresa também. Eu já *tava* querendo, mas não achava que ia ser tão rápido. E quando eu soube foi uma alegria muito grande. Eu fiquei meio que perdida sem saber como seria minha vida depois que ela nascesse, porque eu sabia que iria mudar muita coisa e realmente mudou muita coisa. Mas eu *tô* muito feliz. Hoje eu não me imagino na vida que tinha antes, eu acredito que eu não era feliz como eu sou hoje, minha felicidade hoje é extrema. Sou realizada.

M4: É uma experiência nova, e bem corrida. Dar conta de casa, ser mãe, trabalhar fora, exige muita responsabilidade, tempo e pouco sono. Tem sido bastante corrido.

M5: Olha *pra* mim assim, é que a gente cria algumas expectativas, a gente vê algumas pessoas desempenhando esse papel, a gente tem algumas expectativas e a gente faz alguns planejamentos. Mas quando de fato você vai desempenhar, eles fogem um pouquinho dos planos da gente. Primeiro com relação ao tempo, eu não sabia que era todo esse tempo, então eu achava que conseguia, que seria mais fácil conciliar a maternidade com outros papéis como por exemplo de estudante. Gostaria que fosse mais fácil, mas não é assim. Então, como é a primeira vez, eu sou digamos que marinheira de primeira viagem, eu e meu esposo também. Então assim, é tudo muito novo. Tudo é muito novo, nada é esperado. Mas tem sido maravilhoso, por esse lado tem sido uma descoberta a cada dia, que é algo assim que eu vivo, *tô* tentando viver intensamente. Já que eu *tô* sem trabalhar todos os dias, vou aproveitar ao máximo meu filho, ficar com ele ao máximo. Acabo deixando outros papéis de lado, como por exemplo as minhas amizades, priorizo o convívio com meu filho, lazer com ele, o tempo

todo eu priorizo *tá* com ele. *Tá* sendo maravilhoso, *tá* sendo algo até difícil de explicar. Mas assim, *pra* resumir é algo inesperado por mais que você espere aquele momento chegar, mas é tudo muito novo. Todo dia é novo. E é algo que você se surpreende com o prazer que se sente em estar vivendo esse momento.

M6: *Tá* sendo ótimo, eu consegui me adaptar direitinho. ((Como foram esses primeiros momentos de adaptação?)) Foram bons, o primeiro chorinho que a gente escuta é emocionante, visse? O primeiro chorinho foi bom. Assim, a parte da amamentação, ele não mamou muito por causa que o leite não *tava* sustentando. Mas eu consegui me adaptar direitinho as minhas funções. Assim, eu sou casada a 5 anos. A gente se casou e eu queria engravidar, mas eu não podia, né? Aí eu parei de tomar o anticoncepcional aí depois de uns dois anos e pouco foi que eu consegui engravidar. E de lá *pra* cá tem sido só felicidade. Antes de engravidar eu trabalhava no comércio, eu pedi as contas *pra* fazer o tratamento *pra* ver se eu conseguia engravidar. Aí eu fiquei desempregada, só a renda do meu esposo, a gente mora de aluguel e tal, tem as contas *pra* pagar. Aí só a renda dele não dá, aí eu tive que me virar e aprendi a trabalhar em casa fazendo lembranças *pra* festa. Essas coisas.

M7: Na verdade eu não pensei em engravidar nem tão cedo, né? Mas aí quando [nome da filha] veio, veio *pra* somar. Me sinto muito realizada, mas também é um desafio todos os dias, porque vem tanto a parte de você tentar cada dia melhorar e cada dia é um desafio diferente. Porque vem a doença, vem você ter que ir trabalhar, vem você deixar o seu filho com alguém, vem tudo isso né? Acho que a parte mais difícil é essa parte de ser mãe é a parte da saúde, a parte da educação.

M8: É diário. É diário, porque como é muito novo ainda tudo é novidade, o desenvolvimento do bebê é muito rápido. Ele desenvolve e parece que todo dia é uma criança, você não percebe, mas quando você vai comparar com o mês anterior você vê que é uma criança nova e [nome do filho] principalmente ,meu filho, tem o sono muito agitado. Ele é uma criança maravilhosa, esperto, brincalhão, mas o sono dele em si é agitado. Então essa parte do sono consome muito, aí se não fosse meu marido me ajudando. Que é quem dorme com ele, quem acorda a noite é meu marido. Foi um acordo que meio que surgiu assim, ele dorme com o pai, ele que fica com essa parte ruim de acordar de madrugada *pra* eu conseguir estudar, senão eu não conseguiria. ((Você sempre pensou em ser mãe?)) A gente sempre pensa, é difícil uma mulher que não pense em ser mãe, mas eu não me programei *pra* ser agora. Nossos planos

eram, eu *tô* com 31 anos, quando eu engravidei de [nome do filho] eu tinha 29. Aí fiz 30 anos já grávida dele, mas os planos era ter com 33. Mas apareceu e *tá* aí, a coisa mais linda.

M9: Assim, é complicado. É difícil porque eu tenho que deixar ela, agora não está dando *pra* pagar um berçário, até porque ela é bem alérgica, aí teve muito problema ficou muito tempo internada e no momento ela fica com a avó, mas aí é complicado porque vó mima muito. Mima demais. Mas graças a Deus é uma ótima opção, mas assim, mudou muito o estilo de vida da gente. A gente era de comer fora, de sair, ficar viajando. E quando entra ela aí a gente além do gasto ser muito alto a gente não pode sair *pra* todo lugar que a gente quer. Eu sempre quis ser mãe. Eu trabalhava na iniciativa privada né. Aí eu disse “não, quando eu passar num concurso, qualquer um que eu passar aí eu vou engravidar”. Aí eu passei, depois de três anos que eu *tava* lá eu engravidei”

3 Você considera que o desempenho nestes papéis ocupacionais sofreu alguma modificação após a maternidade? Caso afirmativo defina quais e de que forma?

M1: Na verdade mudou tudo, na minha vida mudou tudo. Porque eu acredito também que tenha sido pelo fato de ter me preparado *pra* isso, de pensar que deveria mudar de certa forma e pelo fato de visão de mundo mesmo, daquilo que a gente quer deixar, daquilo que a gente quer construir assim no sentido mais do que vai ficar *pra* ela. Eu não nem tanto material, porque isso aí é uma coisa que a gente vai correr atrás e constrói. Mas eu digo com relação a personalidade, ao que eu quero deixar *pra* minha filha como exemplo, a liberdade. {Interrompido pela irmã}. Enfim... é mais assim nesse sentido de... é como eu disse, os medos aumentaram. O que eu não tinha medo antes, hoje em dia é diferente. Eu penso muito em estar bem, ficar bem, *pra* ela *tá* bem. Porque eu sei que ela me vendo bem, ela também vai se sentir bem. Inclusive essa semana a gente se mudou, eu *tava* morando em um apartamento e voltei a morar com a mãe dele, minha sogra. Porque a casa é grande, ela já é idosa e ia ficar sozinha. Aí a gente voltou. E minha maior preocupação foi como [nome da filha] ia reagir, se ela ia se sentir bem, se ela ia se adaptar tranquilo. E graças a Deus, ela reagiu da melhor forma possível, numa felicidade que até a gente que não *tava* tão acabou ficando. E acho que é mais isso, tudo que mudou foi nesse sentido, no sentido de melhorar *pra* ela, de pensar nela. Mudou o foco na verdade, o que mudou foi isso, o foco de tudo, no geral.

M2: Sim. Por que eu tive que parar de estudar, eu tive que parar de estudar antes na verdade. Como amiga principalmente, porque agora que sou mãe não dá para sair ficar saindo direto, eu fico mais em casa. Mas acho que é só isso, só nesse sentido. O trabalho continua o mesmo, da mesma forma. Foi mais difícil de conciliar em casa o fato de dona de casa. *Pra* conciliar o bebê e a casa deu trabalho. Porque é além de tudo tem trabalho daqui (creche) para fazer a mistura foi complicado, mas hoje em dia *tá* mais calmo.

M3: Sim, sofre porque diminui o contato com as outras pessoas, o contato maior do meu tempo é mais com a minha filha e com meu esposo, então meu papel de mãe, de esposa, de dona de casa e de trabalhadora autônoma demanda um tempo maior. Então diminui meu contato com a família, com os amigos, vida social assim diminui bastante. Porque eu só posso ir em locais que ela possa estar presente também, então é isso. Mudou sim, muita coisa.

M4: Sofreu bastante em questão como eu falei, da responsabilidade, da dedicação. No caso ele é bem dependente de mim, porque ele é bem novinho né? Então fica aquela correria, aquela responsabilidade, a rotina mudou completamente. Quando eu preciso resolver uma coisa eu vou correndo *pra* pegar ele no berçário. A gente quando é só não tem aquele horário de almoçar, de jantar. Ele por ser bebê, por ser uma criança, já tem aquela responsabilidade com os horários. Então tudo mudou. No trabalho influenciou um pouco porque tem aquela questão quando adocece. Ainda bem que meu patrão é bem flexível com relação a isso, mas tipo, tem aquela preocupação, acaba não sendo como eu trabalho por comissão, acabo não tendo um bom desempenho quanto antes porque tem aquela correria “não vou terminar e vou logo embora, porque ele tá doente” Entendeu? Mudou bastante.

M5: Com certeza. Todos esses papéis sofreram modificação. Por exemplo, antes minhas amigas me chamavam *pra* sair eu com meu esposo era muito tranquilo, dependendo do local que era eu marcava já com elas e saía. Hoje em dia não, é muito difícil porque tudo que eu faço é em função do meu filho. Então assim, eu não consigo agendar nada, não consigo marcar praticamente nada porque eu não sei se, dependendo do local eu posso levar ele. Mas as vezes ele *tá* doentinho, alguma coisa do tipo, aí eu já não consigo ir com ele. E também dependendo do local ou do horário, eu teria que deixar ele com uma outra pessoa. No caso seria ou meu esposo ou a minha mãe. Que são as pessoas que eu tenho, que ficam com ele. E nem sempre isso é possível. Então, assim, mudou completamente. Com relação ao meu papel

de esposa, mudou bastante. Porque antes eu tinha mais tempo de convívio assim com meu esposo, um relacionamento assim de marido e esposa. Não como a gente continua convivendo ao mesmo tempo, mas é aquele relacionamento de eu ser mãe e ele ser o pai. Então as conversas da gente giram mais em torno disso, dos cuidados com o bebê, nossos planos, tudo, planejamento, orçamento, tudo é mais em função disso. A gente acabou que ficou um pouco de lado, mais a privacidade do casal. Em relação ao papel de estudante, como eu falei eu sempre, mesmo trabalhando ou não trabalhando eu de alguma forma gosto de estudar, seja *pra* fazer uma especialização, seja *pra* tentar um concurso e agora eu assim ainda não me adaptei bem a essa rotina, a essa minha agenda ainda não *tá* casando direitinho, *pra* eu conciliar com os estudos. Antes eu trabalhava e agora não *tô* trabalhando mais, eu já tinha esse trabalho informal, eu trabalhava formal e tinha esse trabalho informal e conseguia conciliar os dois. Hoje eu *tô* só com o trabalho informal e assim, com o trabalho formal foi um pouco difícil me adaptar não estar trabalhando. Mas ao mesmo tempo foi gratificante poder tempo *pra* ficar com o meu filho. E aí assim eu no momento estou priorizando ficar com ele. No meu papel como filha também mudou e acabou que eu me aproximei mais da minha mãe, eu passei a conviver mais. Tanto pelo fato de eu não estar trabalhando o dia todo, que eu sempre quando tava trabalhava no meu trabalho formal eu vinha almoçava com ela. Mas hoje eu praticamente passo o dia na casa dela, vou *pra* minha casa só dormir e final de semana. Mas durante o dia passo o dia na casa dela. Como ela é aposentada, ela tem trabalhos informais. Então a gente convive muito mais e ela me ajuda muito com meu filho.

M6: Sofreu, com certeza sofreu. Meu sono, eu não tenho horário certo *pra* dormir. As tarefas domésticas de casa também, não é sempre que eu posso fazer as tarefas domésticas. O horário de trabalho também é um pouco desregular. *Tá* tudo meio confuso ainda, o horário assim, mudou, totalmente diferente. Praticamente tudo no horário da gente. Mas basicamente isso, o restante não modificou muito não. Mas tem que se adaptar. { E como foi essa adaptação? } Difícil né? É um pouquinho difícil, porque você quer dormir e não pode, você tem que *tá* ali dando atenção, tem que *tá* olhando, tem que *tá* [pausa]. Quando *tá* dormindo aí corre *pra* fazer uma tarefa doméstica, aí quando termina a doméstica corre *pra* fazer uma lembrancinha, alguma coisa, *pra* enviar pro cliente. Tem que dar um jeitinho, se apertar aqui, se apertar ali *pra* fazer tudo de uma vez só.

M7: Sofreu. Porque quando você é esposa você está só com o seu marido, né? E quando você tem um filho, praticamente toda a atenção vai mais *pra* ele, *pra* ela que é o filho né? Do que pro esposo. Você fica mais sem tempo *pra* si. Porque você se dedica mais a maternidade

principalmente nos primeiros meses, que você tá se descobrindo, tá descobrindo a criança, você tá descobrindo como deve cuidar, então aí você deixa todos os papéis de lado pra ser mais mãe. No trabalho um pouco, né? Porque na verdade a gente trabalha porque é precisa, porque se nenhuma mãe precisasse é claro que ela ia optar por ficar cuidando do filho mais um pouco né? Mas aí eu tento dar o meu melhor no meu trabalho, porque a gente sabe que precisa dele porque é uma fonte de renda. E aí as coisas vão se caminhando, cada dia mata um leão.

M8: Pelo incrível que pareça, hoje estudando eu acho que eu estudo com mais qualidade do que antes de ser mãe. É muito estranho isso, mas eu acho que meus estudos rendem mais hoje com meu tempo mais curto do que antes. No trabalho não afetou tanto porque meu trabalho assim, é por hora mesmo. Tem hora de entrada e de saída, eu tenho que produzir dentro daquele meu horário, não mudou muita coisa. Mas assim, com relação aos estudos eu achei que melhorou, mas melhorou porque eu tenho apoio do meu marido. Se não tivesse eu não sei como eu ia dar conta de estudar, cansada, com sono, porque é difícil.

M9: Com certeza, muda muito. Tem coisa que muda pra melhor porque é experiência. Você aprende a fazer mil coisas ao mesmo tempo que você não conseguia fazer, aí tem questão de horário que você, assim, as vezes sem [nome da filha] conseguia ser pontual com as minhas coisas. Mas com ela eu não consigo mais ser pontual. O cansaço também atrapalha muito, eu não consigo voltar a rotina de estudos pra concurso. Eu quero passar num concurso melhor, federal, mas no momento quando eu penso em estudar eu tô cansada, aí sem condição. {interrupção da filha} qual era a pergunta mesmo?

4 Como você concilia o papel materno com os demais papéis?

M1: Eu acredito que no meu ver eu acho que eu não consegui conciliar muito bem, porque eu acabei abrindo mão de muitas coisas pra me dedicar exclusivamente a ela. E como eu fico muito aqui com mainha, eu sinto que eu acabo dividindo um pouco das responsabilidades que deveriam ser mais minhas mesmo. Mas ela por ser vó e tá próxima, acaba também entrando na roda e ajudando. Mas com relação aos outros papéis é complicado. Eu acho que eu deixei muito a desejar. Com relação as amizades eu por exemplo, parei de sair porque [nome da

filha] mama e ela não fica com outra pessoa por causa do peito. Que quando dá a hora dela mamar não tem boquinha. Então eu deixei. E por conta disso eu me afastei, assim a gente acaba naturalmente se afastando. Você não tá saindo, não está sendo visto, vai ficando um pouco, né? Então com relação as amizades sobraram pouquíssimas, é só quem vem na minha casa. Porque pra mim sair quase não dá. Quando a gente sai é um programa de criança. É pra quem tem criança. Com relação aos estudos, eu parei completamente, eu até tentei voltar, meu esposo ficava com ela. Mas depois ele teve que trabalhar e não dava. Ela não ficava com a minha mãe, ela dava trabalho porque tem o peitinho, tudo isso. E com relação a esposa, eu acho assim que a gente, devido a ter uma amizade já anterior ao relacionamento, hoje em dia a gente também é muito mais amigo do que namorado. A gente vive muito mais empenhado em cuidar da família em si, do que mais de nós dois mesmo, algo mais particular. Mas eu acho que assim, a gente acabou abraçando tudo e tentando ali com jogo de cintura levar. Desde o início ele, minha mãe e a mãe dele foram as peças principais pra me manter. Porque não é fácil, a maternidade é bem pesadinha. Mas com o apoio dele eu acho que tem me feito ainda levar mesmo. Porque a gente tem uma visão da maternidade de outra forma, a gente vê a criança “como é bom”, “como é legal”, “ah! ela rindo, ela brincando”. Existe realmente esse lado maravilhoso. Mas por traz de tudo isso, existe o lado assim de que você acorda cedo, você dorme tarde. Você não toma banho direito, você não tem tempo de arrumar o cabelo, você não tem tempo assim, de você. Assim, muda o foco, é ela, tudo é ela. Ela quer comer agora? É a hora dela. Se eu for almoçar e ela quer comer ou quer brincar, eu tenho que parar e conversar com ela pra poder né? Mas é assim, mudou o foco. Agora o foco é ela, eu venho depois, bem depois.

M2: O materno sem sombra de dúvidas ultrapassa todos. Se eu tiver 24 horas disponível, vai ser 24 horas disponível para minha filha, o resto que se exploda, vai ser só para minha filha. Eu sei diferenciar, mas se ela me quiser eu vou tá com ela. Se bem que agora ela parece uma velha independente, quer tudo sozinha, parece uma moça velha. Ela fica aqui na creche, mas ela sente a minha falta pelo fato de eu não estar presente com ela, e quando ela me vê é problema. Eu não posso passar em hipótese alguma passar perto dela. Às vezes eu tô na sala dela também, quando falta alguém aí eu fico lá, mas ela já está aprendendo a diferenciar “ali é o meu trabalho eu não posso estar com ela 24 horas”. Então ela fica brincando, fica interagindo, aí vem aquele chorinho dá um beijo na mamãe e vai brincar de novo, e assim vai.

M3: Assim, durante a semana eu passo o dia em casa. Como meu trabalho é autônomo e é mais a noite e final de semana, então eu tenho um certo tempo pra cuidar da minha casa, do meu marido e da minha filha durante o dia. E com relação ao contato com a minha família e meus amigos é mais esporadicamente. Com a minha família até um pouco mais, digamos que duas vezes na semana eu vejo minha família, eu vejo minha mãe, meu pai, meus irmãos, pelo menos duas vezes na semana. E os amigos é esporádico, faz um tempo que eu saí com amigos assim pra fazer alguma coisa, mas com relação a família eu já tenho mais contato. Com relação ao trabalho ela fica com o pai quando eu saio pra trabalhar, eu deixo tudo arrumado, tudo pronto pra ele só ter a tenção de cuidar dela e como eu demoro no máximo 5 horas ausente, então é tranquilo pra ele ficar e ele cuida muito bem dela também. Eu fico tranquila.

M4: Bem, eu concilio principalmente... melhorou a partir do momento que eu coloquei ele no berçário porque lá ele fica o dia todo e eu fico mais despreocupada com relação a isso. Aí dá tempo, pela manhã acordo deixo ele no berçário e venho pro trabalho. Depois do trabalho eu resolvo o que tenho que resolver às 18h pego ele no berçário e à noite é quando eu tenho um tempinho pra ele e nos finais de semana. O berçário ajudou bastante porque ele passa o dia. Nos finais de semana de 15 em 15 dias, como eu e o pai dele somos separados ele fica com ele. E finais de semana pra não ficar em casa, passo a semana trabalhando e ele passa preso no berçário, aí eu aproveito pra passear, pra ir pra casa dos familiares.

M5: Bom, acaba sendo repetitivo o discurso, mas é algo que não é um planejamento que a gente consegue seguir. É bem difícil porque, tanto é que eu me planejo por exemplo pra estudar “ ah essa semana eu vou estudar isso, isso e isso” aí acontece que meu filho adoece. Ele adoece e quando adoece requer uma atenção bem maior, que tá o tempo todinho no colo. Aí eu fujo completamente daquele planejamento. Então assim, eu concilio do jeito que dá o que eu faço é: priorizo a maternidade sempre e os outros papéis eu vou tentando encaixar.

M6: Rapaz, é sacrifício. Porque você tem que tá o tempo todo olhando ele. Assim, quando ele dorme é que você vai fazer alguma coisa. E eu trabalho a noite, eu trabalho mais a noite do que durante o dia porque durante o dia ele tá acordado e eu não posso fazer nada. Quando ele dá uma *dormidinha* eu faço o trabalho doméstico, quando é a noite que ele dorme mesmo, que ele veio dormir de uns tempos pra cá, porque ele não dormia, veio dormir com 1 ano e um mês, 1 ano e pouco. A noite toda e ele não dormia. Aí quando dá umas 22h30/23h é que eu vou começar a trabalhar nas lembrancinhas pras festas, essas coisas, aí vai até 1 hora, 2 horas, 3 horas, já passei 24h acordada. Ele fica o tempo todo em casa, as vezes que minha mãe leva

pra casa dela. Ela me ajuda, minha mãe me ajuda, quando eu tô com muita coisa eu ligo pra ela e digo “mãe me ajuda vem buscar ele”. Aí ele vai pra lá e eu organizo alguma coisa.

M7: Na verdade eu tenho pessoas que me ajudam. Eu trabalho na parte da tarde e noite, aí manhã ela fica comigo, tarde ela fica com a madrinha ou com o pai, agora vai ficar com a tia. Ficava em berçário antes, que é muito difícil também ter que deixar seu filho no berçário. Até porque não fica com uma pessoa da sua confiança, né? Ela fica junto com outras crianças. A probabilidade dela ficar doente também é bem maior. Aí agora o que, eu tenho suporte da minha família, dos meus amigos, pra poder ficar com ela e eu poder trabalhar.

M8: Eu separo as horas do dia, então por mais que eu tenha que estudar assim eu tô estudando mais do que o normal esse ano porque esse ano está saindo muito concurso da área que eu estudo que é na área de tribunal do trabalho então esse ano eu nunca me dediquei tanto, quanto justamente esse ano, que ele fez um ano. É meio contraditório, um paradoxo. Mas comigo aconteceu assim e é por horário mesmo, eu acordo de manhã, na hora que eu acordo eu separo o dia em horas, então cada momento do dia já tá tudo certinho. De manhã eu tomo café com meu filho, eu me dedico a ele e ao meu marido. Aí saio pra estudar, eu estudo, vou pro trabalho, do trabalho venho pra casa a gente janta juntos e a noite eu vou estudar também de novo. Eu estudo fora de casa, porque em casa eu não consigo, eu vou querer ficar com meu marido e com ele. Aí ficando fora de casa eu foco. Uma coisa que tá me ajudando muito a ter foco em casa coisa que eu estou fazendo é me dedicar aquilo. Então se eu tô estudando, eu tô estudando, fico longe do celular e tudo. Se eu tô com [nome do filho], com meu filho, eu tô com ele. Eu brinco aqui com ele, eu vou no shopping com ele, eu tenho que focar naquilo que eu estou fazendo. Como eu fico poucas horas com ele, tem que fazer a hora render e valer. É isso, se dedicar ao momento e não pensar no que você vai fazer ainda.

M9: Por enquanto não está em berçário, quem ajuda é a minha sogra. A minha sogra é que fica com ela, com a minha menina. Como ela mora um pouco longe, ela mora na torre, aí eu vou, quando meu esposo tá de plantão, ele não trabalha todos os dias. Quando ele tá em casa ele fica com ela, quando não tá eu vou deixar ela na casa da minha sogra. Aí o que mudou é que eu acordo muito cedo, saio daqui antes das 6 horas da manhã pra deixar ela na casa da minha sogra, pra poder ir trabalhar. ((você tem a ajuda deles então?)) Por enquanto tá lá, eu tô satisfeita porque eles são idosos e tem a questão de ser avós aí. Por enquanto eu acho que até o final do ano ela vai ficar com os avós, que apesar de tudo a gente se sente mais seguro com

eles. Na igreja a gente leva ela, lá tem um lugar, graças a Deus é tranquilo. É mais difícil pra gente ficar com alguma responsabilidade, porque tem que orar, tem que tá assíduo, não tem como a gente ir, aí a gente acabou deixando isso de lado. A gente só frequenta praticamente no natal.

5 Você considera haver muitas expectativas e idealizações em torno do papel materno? Se sim, quais os desafios enfrentados por você para lidar com tais expectativas no processo de construção de sua maternidade?

M1: Existem muita expectativa, principalmente não só expectativa como muita cobrança mesmo da sociedade em si de você ser perfeita, de você ser uma mãe que consegue tudo, que consegue trabalhar, consegue estudar, consegue cuidar do filho, da casa, do marido. E eu realmente não consegui e nem quis me esforçar mesmo pra conseguir. Eu preferi abrir mão de algumas coisas e ser uma boa mãe nesse momento, que eu acho que é primordial pra ela. Essa primeira infância, esse primeiro contato dela com o mundo, com tudo. Então eu preferi abrir mão disso, por conta disso de saber que eu não conseguiria dar conta de tudo perfeitamente, então eu prefiro dar prioridade ao que realmente tem prioridade no caso pra mim é ela. As expectativas estão mais em cima disso, eu mesma tenho expectativa de conseguir antes, de dizer assim “ah! mas eu vou estudar, eu levo ela pra universidade, dá certo”, “ah! mas o pai dela fica e eu vou sair, vou caminhar, vou numa academia”. Nada disso eu consegui fazer depois de [nome da filha], nada disso. E acho assim que um dos pontos negativos em mim foi que eu acabei me acomodando também e ficando muito presa ao cômodo pra mim, de dizer “Ah! eu não vou sair porque vai dar trabalho, pegar ônibus, num sei o que”, muito disso. Aí eu acabo ficando mais em casa com ela do que saindo também. Que é uma questão mais minha que eu poderia fazer, mas acabo deixando passar. Até tenho melhorado um pouco tô levando ela pra brincar, passear, também é importante. Antes eu pensava ser diferente, eu pensava que era mais leve, mais fácil. Só que a nossa própria expectativa com relação a expectativa da sociedade que lhe cobra, acaba sendo até um pouco malvada com agente mesmo. Assim as vezes eu me vejo me fazendo críticas que não deveria na verdade a nenhuma mãe, não digo nem só a mim. A nenhuma mãe já que é tão difícil, você se doa tanto pra ser mãe, você passa por um processo muito complicado de mudança tanto física quanto mental, quanto de comportamento. Então eu acho que é um pouco injusto essas cobranças excessivas que acontecem. Por exemplo, mainha ela me ajuda muito, mas ao mesmo tempo ela fica me responsabilizando pela ajuda que ela quer me dar. Porque eu

não peço, mas ela vai e faz. Só que ela fica me culpando pelo fato dela fazer e não eu, entendeu. Então isso acaba pesando pra mim porque eu sei que eu tenho que fazer, ela faz e eu dou graças a Deus. Mas ao mesmo tempo ela fica meio que me criticando pelo fato dela ter que fazer. Então é bem complicado. Por exemplo a questão de emprego, eu fui demitida três meses após a volta da licença maternidade, e eu passei por uma coisa na empresa que foi terrível, foi humilhante sabe? Porque meu horário era noturno e [nome da filha] tinha 5 meses quando eu voltei. E por ela mamar, não tomar mingau, que ela nunca tomou, nunca quis, não se adaptou. Eu tinha que tá em casa no horário dela dormir, pra dar de mamar e ela dormir. Como eu chegava de 1h30/2h ela ficava até 1h30/2h acordada, uma bebê de 5 meses. E aí eu fui na empresa pedi pra trocar o horário e tudo, eles ficaram dizendo que iam trocar, me mandavam ir no outro dia de manhã, eu chegava e não entrava, não liberava. Foi um processo bem complicado nesse início de volta ao emprego. E chegou ao ponto do supervisor lá, do gerente de lá, dizer pra mim que se eu não quisesse trabalhar eu não fosse, o problema era meu, que, quem ia deixar de receber era eu, não era ele. Disse desse jeito assim e eu dizia “mas você não pode fazer? O que é que custa?”, e ele dizia “não, mas não será feito”. Então, eu sofri muito, porque eu faltava muito por causa dela, eu saia mais cedo pra ir pra casa, eu ia, ele não disse? Eu fiz. Então acabei ficando uns três meses sem receber, Foi bem complicado, por conta de tudo isso. Aí fui demitida, pra mim foi um alívio a demissão. Porque realmente eu tava num lugar onde não valoriza nem se quer o fato de você ser mãe, ser humano, os meus direitos, porque é meu direito, eu podia mudar de horário, existia outro horário, tinha como ser feito. Mas não foi feito porque eles não estão nem aí, se eu sou mãe, se eu tenho filho, estão nem aí. Queriam se livrar. Na verdade a empresa tratava muito a maternidade como um problema. É tanto que outra amiga minha que engravidou um pouco depois de mim, com três meses também foi demitida, logo após a volta dela. Então, a sociedade ela não só cobra, como ela condena a mãe a viver assim nesse lado mais negativo mesmo. Tipo assim, “tem que ser perfeito o seu trabalho, se não você vai sair” e vão culpar o seu filho, vão dizer “Ah! agora que você é mãe, você mudou”, quando na realidade não é bem assim. Porque quando você é mãe existem outras necessidades, outras prioridades e muda de fato muda. Não é porque... não tem como continuar a mesma. Impossível, é impossível. Eu acredito que quem continua a mesma, alguma coisa tá deixando ali a desejar.

M2: Eu acho que é mais os outros, porque como diz o ditado fica querendo dar palpite onde não é seu. A forma com que você tem que criar, a forma que você tem que educar, o que você

tem que vestir, que você tem que fazer, o que você tem que dar de comer e assim vai. Digamos que é mais nesse sentido. Se a criança se machuca a culpa é sua, se a criança está doente é culpa sua que não cuidou, se a criança tá bem, se a criança levada, porque a minha é bem levada, é culpa sua também que não sabe educar. Se bate é culpa sua que não sabe reprimir e assim vai. Eu imaginava que ia ser difícil, realmente foi, não muito como eu imaginei, mas deu para levar está dando até hoje graças a Deus. Eu imaginava que ia ser bem mais difícil. Sempre que eu preciso tem alguém para ficar com ela graças a Deus. Principalmente a creche fecha por algum motivo aí não pode trazer as crianças, mas a gente fica trabalhando então tem que ter alguém para ficar com ela. Nesse sentido graças a Deus sempre tem alguém.

M3: Considero, existe um romantismo muito grande. As pessoas assim, criam a maternidade como a coisa mais maravilhosa do mundo, mas sem destacar as dificuldades. Então a gente idealiza muito, a gente sonha muito só com a parte boa. E não se toca, não vem analisar a parte, não que seja ruim, mas a parte mais difícil que é com relação aos primeiros dias, a adaptação de uma nova rotina. É as noites em claro, de sono, o cuidado que você tem que ter. Sabe? Então na amamentação a mulher também sofre, acho que a maioria sofre no início da amamentação. Porque pro bebê ter a pegada do peito as vezes ele fere o peito, aí tem mãe que tem ferida, mastite, um monte de coisa. As pessoas criam esse romantismo muito grande em cima da maternidade, mas não é só o romantismo, tem a parte que traz esse lado ruim da maternidade entendeu? É isso. Assim, eu tive que aprender praticamente tudo sozinha, então eu tive que ser mais forte do que eu pensava que eu era. Então eu tive que deixar meio que de lado essa parte mais emocional e trabalhar mais a razão. Principalmente com relação à o que? A ter cuidado com a bebê recém-nascida, com relação a mamada, pra ela poder mamar, aí tem a questão de cólicas. Então assim, eu tive que amadurecer muito rápido essa fase, esse romantismo. Não que eu não tivesse vivido esse lado romântico, lógico, quando passa os primeiros dias que você se adapta, que você consegue ter uma rotina aí você consegue viver o lado bom da maternidade, a ter aquela troca de amor, aquele carinho. Então pra mim assim, eu construí na garra, sozinha mesmo e depois foi só amor. Hoje só tem coisas boas, tirando a fase que adocece, pega uma *virosezinha*, uma gripe e tal. Mas a gente consegue viver mais o lado bom. Digamos que 95%, 5% é só com relação a quando fica dodói.

M4: eu creio que sim, porque eu vejo que eu ainda tenho muita coisa a melhorar em relação ao meu papel materno, por ser mãe de primeira viagem. Mas a cada experiência eu vejo que o

aprendizado tá sendo bem bacana. O maior desafio é de que de 15 em 15 dias ele fica com o pai, mas no caso eu tenho que levar, eu tenho que lembrar que ele tem um filho entendeu? Tá sendo bem difícil pra mim isso, porque foi uma gravidez planejada e hoje eu vejo a ausência do pai, é bem difícil uma mãe solteira ter que sustentar tudo, financeiramente, carinho, amor, atenção, entendeu o que tá sendo mais difícil é isso. E a ausência do pai, porque sozinha é meio complicado.

M5: Sim, considero. Acho que há muita cobrança por parte de todo mundo, não só da sociedade, de quem tá de fora até por seus familiares, pela sua mãe, pelo seu esposo, pela família do esposo. Então o tempo todo o papel de mãe, que é o papel digamos assim, que a gente tem como um papel especial na sociedade. É muito bom? É! Mas também é muito cobrado e as vezes acaba que a gente se coloca e passa a se questionar, acho que por conta de tanta cobrança a gente acaba a se questionar se está sendo uma boa mãe, se tá desempenhando um bom papel, por conta disso. Porque muitas pessoas cobram muito a perfeição, que não existe no papel da mãe né? É como eu falei, a minha mãe cobra muito, meu esposo cobra menos mas cobra também. Então acaba que a gente percebe essa cobrança e é algo que as vezes não é saudável. Tem não só essas cobranças externas, mas a gente acaba se autocobrando. A gente acaba como eu falei no início, a gente cria uma expectativa, de como vai desempenhar essa maternidade só que a realidade é outra. Então junta isso a questão da maioria das coisas fugir dos nossos planos, e também a cobrança das pessoas. E aí acaba desse papel que seria a mãe, o ideal de mãe perfeita. Aí a gente acaba se questionando com relação a isso, ao papel se está sendo bem desempenhado. Assim, depende as vezes do emocional da pessoa, tem períodos que a pessoa passa que é bem tranquilo, a pessoa consegue tirar de letra algumas cobranças principalmente externas eu acabo tentando identificar se realmente aquela cobrança faz sentido, se não faz. Vejo mais na minha consciência, se eu tô com ela tranquila ou não. E eu nem considero muito o que o pessoal fala, essas cobranças. Mas tem momentos que pesa um pouco, tem momentos que assim, que é difícil lidar mas tem momentos que não. Que eu as vezes nem considero, olho *pra* frente e vejo o que *tô* fazendo pelo meu filho. Se é o que eu quero, se é o que eu planejei pra ele, se eu *tô* criando da forma que eu acho que é certa, que eu planejei pra ele. Então eu acabo desconsiderando, então tem momentos que realmente é difícil e as vezes acaba que a pessoa internaliza essas cobranças e se cobra ainda mais.

M6: Sim com certeza. Tem que *tá* calma, as vezes a gente perde um pouquinho a paciência, mas tem que ir relevando, porque se não a gente endoida. Muita coisa, as vezes vem um chororô, aí vem o estresse e um chororô também. É sei lá, muita coisa relacionada a parte materna, você tem que ter, você tem que ficar calma, tem “respira fundo 1,2,3 tenha calma venha cá”, entendeu porque se não acontece muita coisa. Às vezes cobram. Não assim, pessoas da família, pessoas de perto. Mas ontem mesmo, a gente *tava* num shopping e ele ficou no chão chorando se acabando. Porque depois que ele aprendeu a andar que ta no chão andando. Aí ontem ele *tava* ciscando no chão, eu *tava* no balcão e tinha uma mulher assim do lado e outra, acho que elas nem sabiam que eu era mãe do menino mas elas “olha, existem várias formas de lidar com isso, ta vendo? A criança não precisa fazer isso”. Acho que ela não sabe o que é ser mãe, acho que no mínimo não era mãe *pra* saber o que *tava* falando ne, entendeu.

M7: Com certeza porque sempre o que você faz nunca está perfeito né? Na verdade, justamente nos olhas de outras pessoas, pessoas mais experientes, como dizem. Eu acho assim, que cada criança deve ser criada de uma forma diferente, porque nem todas as crianças são iguais, da mesma forma que nem todas as mães são iguais, nem todas as caras são iguais, nem todas as rotinas são iguais, então com certeza tem muito julgamento sim. Na verdade, você tem que fazer vista grossa, porque você não pode levar tudo ao pé da letra né? A gente tem que tentar pegar o melhor porque as vezes sempre um conselho vem *pra* construir, não *pra* destruir, *aí* você tenta pegar o melhor e o que você não acha construtivo você entra no ouvido e sai no outro.

M8: Existe, existe muito. Gente que acha que criança é produção em série, que é tudo igual. Então, muita gente chega “ah não, você vai fazer assim, assim, assado que vai dar certo”. Porque eu olhei todos os livros durante a gravidez de maternidade, livro de especialista digo, e apliquei muita coisa que eu achei muito válida, mas tem coisa que infelizmente eu não sei se é da genética, não sei do que é, mas cada um vai crescer de um jeito. Então vai ter gente que diz “ah você precisa fazer uma rotina do sono”, eu implantei a rotina do sono, 18h30 ele já está dormindo, mas ele acorda muito durante a noite. Então tem mais nada que eu possa fazer que todos esses livros falem, porque não é produção em série toda criança não é igual. Então o desafio é esse, é conscientizar as pessoas que... principalmente as que são mães. Acontecem isso até entre as próprias mães “ah meu filho foi sempre assim”, mas seu filho é diferente, tem coisa que deu certo com seu filho que não dá certo com outro. Tem coisa que dá certo com o

outro, que vai dar certo com o seu. Então é isso, das próprias mães principalmente. A minha família é basicamente meu marido, porque meu pai mora longe, minha mãe mora longe. Aí é basicamente meu marido, eu sei que tem pessoas que julgam o fato de eu estudar a noite e passar muito tempo ausente mas assim, minha consciência é tão tranquila porque eu sei que o que eu estou fazendo é por eles. Então quem falar {gesto de não se importar}... Tem que ser muito focada no que você está fazendo pra não absorver essas coisas.

M9: Sim, com certeza e como tem muitas expectativas. Assim, questão de educação principalmente. No momento a gente não se sente totalmente satisfeito, porque a gente queria uma condição melhor *pra* ela, infelizmente no momento a gente não tá podendo dar. A gente se sente frustrado porque só queria colocar ela *pra* começar a fazer inglês ou alguma coisa. Mas infelizmente é muita coisa. As coisas dela são todas mais caras, então por isso principalmente a parte da alimentação, aí a gente tem um gasto muito alto. E a gente se sente frustrado, tem que se virar em mil. Eu mesma tenho o meu trabalho fixo, então eu sempre tô procurando fazer outras coisa. Por exemplo as vendas, trabalho com vendas, com vendas direta, pra conseguir alguma coisa melhor pra ela. Educação, violência, questão de saúde né? Porque tem que se apertar porque ela tem plano de saúde *pra* mim e *pra* ela. Porque *pra* cuidar dela também preciso me cuidar. E todos esses desafios, que antes a gente não tinha, era tranquilo, bem tranquilo em relação a isso.

ACRESCIMO:

M1: Não, acho que é mais assim com relação a isso. A maternidade. Eu acredito que *pra* mim foi bom assim, eu mudei muito com relação a pessoa, ao caráter. Querer moldar melhor meu caráter, no sentido de que eu vou ficar, vou ficar não, eu sou o exemplo dela, eu sou espelho dela. É *pra* mim que ela olha e diz “Eu vou fazer ou não vou fazer”. Hoje em dia eu tenho mais preocupação com isso de não o que vão pensar ou falar, mas de como eu vou me comportar. De como ela vai sentir aquilo de mim, reagir aquilo. Então com relação a isso assim, é muito importante. Eu vejo isso. Mas as mudanças foram mais essas mesmo. Na minha vida tudo mudou, como eu disse, tudo 100%. Até meus amigos que me conheceram um pouco antes dizem hoje “mulher, tinha quem dissesse, tu mãe?”. Porque eu realmente tô me dedicando a ela, né? Hoje eu posso dizer, eu sou mãe, meu papel hoje é ser mãe. É ser mãe com certeza, acima de tudo. E é mais isso assim. E eu acho que a sociedade ela é muito injusta mesmo com as mães, muito. Porque é um esforço tremendo que a gente faz, *pra* gente

acordar cedo porque a criança acordou e quer tomar café, quer brincar e você quer descansar, mas não, vamos brincar. Então é um papel de você se negar mesmo, você dar importância... sua vida não tem importância. Como eu disse, *pra* mim o que importa é a felicidade dela, ela *tando* feliz pronto, o resto é o resto e a gente vai levando. Mas eu vejo como muito injusto, essa cobrança de que “Ah! A mulher tem que ser uma boa mãe, uma boa dona de casa, uma boa esposa, uma boa profissional, *pra* ela ser notada, *pra* ela ser uma boa pessoa” eu acredito que não seja bem assim. Eu acho que boa mãe eu realmente preciso ser, boa companheira não só pro meu esposo mas *pra* todo mundo que convive comigo eu tenho que tentar ser. Se eu quiser cultivar essas relações e deixar como exemplo *pra* ela isso. Acho muito importante. Eu tenho um exemplo de uma mãe, que foi uma mãe que poxa! *Pra* mim ela é tudo, é minha base, é meu alicerce. Discordo com ela em várias coisas, porém tenho a plena consciência que tudo que eu sou é graças a ela. A ela, meu pai. E mais isso assim, eu tive uma família muito presente. Desde a infância, adolescência, até a vida adulta. Eles sempre participaram muito da minha vida em todos os sentidos. Então isso me ajudou muito a querer também participar da vida da minha filha. A querer que ela tenha lembranças comigo, querer participar na prática. É tanto que eu *tô* sem trabalhar fora porque eu não quis um emprego que me ofereceram *pra* trabalhar num shopping, *pra* sair de manhã e chegar de noite em casa. E minha filha? É o que eu digo direto as minhas amigas. Eu tenho uma amiga que tem dois filhos e ela trabalha *pra* pagar a escola e o berçário. Aí eu digo a ela “sim, aí tu tá pagando todo o teu salário *pra* outra pessoa vir e criar o teu filho. Ensinar os valores que elas acham certo e dar os exemplos que elas acham que é correto”, criar mesmo porque ela passa o dia longe. Aí é isso que eu não quero. Eu abri mão do trabalho na empresa. Eu disse a eles “podem me demitir, não tem problema”. Passo por dificuldades financeira? Passo! Mas quando eu chego que eu vejo a felicidade dela, o vínculo que ela tem comigo, a relação. Não se compara! Não tem dinheiro no mundo que compre isso. Então eu *tô* no caminho certo pelo menos assim, na minha opinião com a minha filha eu *tô* vendo um bom resultado. Que ela tem o que ela mais precisa que sou eu do lado dela. Tudo o que ela precisa não é brinquedo, roupa, passeio, não! Ela precisa de mim primeiramente e o que eu posso proporcionar a ela, ela tem, tudo isso ela tem, que é amor, é o contato com a natureza, com as coisas mais simples. E eu acho que é isso que é importante mesmo *pra* ela. E assim, no geral com o papel de mãe, “Ah maternidade” eu sou muito feliz. Eu hoje não quero ter outro filho, hoje. Mas pode ser que daqui a alguns anos né, eu queira. Mas eu não quero justamente por isso. Porque eu quero me dedicar melhor a ela, quer ver ela crescer saudável. Mas é isso, é um amor incondicional é uma mudança de espírito, é uma mudança de alma, de vida mesmo. Eu me vejo diferente, eu vejo o mundo com

outros olhos. No sentido que como eu falei, dos medos, do que você espera, daquilo eu você quer plantar *pro* futuro, do que eu vou fazer pro próximo que eu sei que vai retornar pra mim, pra minha filha, as questões políticas da sociedade. Eu acho que hoje eu, na verdade eu sempre fui uma pessoa muito política, de gostar de me envolver e tudo, mas eu acho que hoje eu sou muito mais, minha vontade de gritar, de lutar, de ir *pra* luta é maior por conta disso, pelo que vai ficar pra ela, pra minha irmã. Enfim, *pra* nova geração. Mas é isso, muda tudo, muda tudo mesmo e muda *pra* melhor. Como eu digo, eu mudei *pra* melhor, em nada eu mudei pra pior não. Até nas questões críticas, nas questões de se autoavaliar foi *pra* melhor. Porque toda mudança ela deixa algo positivo ou negativo. Enfim, a maternidade eu vejo que ela vem muito *pro* bem, você se redescobre na verdade. Se você é realmente uma boa pessoa ou não você vai descobrir na maternidade, o que é que você tem *pra* dar. A gente só dá o que tem *pra* dar né. Mais isso. Eu já falei demais né? Eu tava dizendo a mainha, “mainha eu passo tanto tempo dentro de casa com a senhora, com [nome da filha], trancada, presa ali. Que meu negócio é falar mesmo” quando eu encontro alguém eu quero falar.

*Ao se despedir da pesquisadora, a entrevistada relatou que foi a primeira vez que perguntaram como estava sendo esse processo de construção *pra* ela. Ela disse que era muito importante falar sobre isso porque ela sofreu muitos julgamentos, principalmente no local de trabalho, não só pela gerencia como pelos funcionários também, que diziam que ela estava sendo acomodada. Relatou também que agora está investindo em um antigo sonho, de costurar e viver disso, que havia anulado tempos atrás porque não acreditava que podia ganhar dinheiro através disso. Por isso trabalhava e estudava. Agora ela comprou uma máquina e costura para vender artigos decorativos e almofadas. Ela disse que acredita que isso lhe trará mais qualidade de vida, por estar fazendo algo que sempre sonhou.

M3: Olha, como eu falei, é uma experiência única. Única, nada se iguala, nada. Não existe amor maior do que o amor de uma mãe por um filho e de um filho por uma mãe. É foi algo assim, que eu esperei viver, eu estou vivendo e eu fico até emocionada assim porque é um amor que você não consegue mensurar, é o sentimento maior do mundo. E hoje eu sou completamente feliz, por conta da minha filha, é tudo *pra* mim. É isso.

M4: Eu acho que eu falei, que eu tento ser uma ótima mãe, mas eu ainda vejo falhas com relação a isso. Mas é cada dia um aprendizado diferente e eu tento melhorar. Ter tempo *pra* ele, o principal é esse, ter tempo, fora ser dona de casa e trabalhadora.

M5: Não recordo. Não assim, eu não sei se eu já falei, mas assim uma coisa que *pra* mim que tá sendo bem difícil é justamente não tá conseguindo conciliar bem a maternidade com os meus estudos, que foi algo que eu sempre me cobrei, sempre gostei de tá me especializando. E é algo que antes da maternidade eu sempre dizia “ ah! Eu só pretendo ter filho quando eu já tiver uma certa estabilidade, um emprego”, acabou que eu tive antes e é algo que realmente assim, tá sendo um pouco difícil conciliar. Não me arrependo, de jeito nenhum, a maternidade é a melhor coisa que aconteceu na minha vida, mas assim é bem difícil mesmo. Esse momento que eu *tô* sem trabalhar formalmente, eu tento estudar mas dificilmente eu consigo porque nem sempre é fácil deixar o bebê com a minha mãe e com meu esposo *pra* poder estudar. O que me deixou mais tranquila nesse momento é que eu era acostumada ao tempo todo trabalhar e minha intenção era tentar conciliar trabalho formal com a maternidade, foi depois que eu consegui passar na seleção *pra* um concurso de professor substituto e estou aguardando e tem prazo *pra* iniciar. Aí foi algo que me deixou mais tranquila, mas até então eu tava um pouco inquieta e um pouco insegura com relação ao meu com relação ao meu trabalho e a minha carreira profissional.

M6: Que a gente deveria procurar uns psicólogos. Porque é difícil a gente conciliar o trabalho, a casa, o esposo, o filho, entendeu? É muita coisa, as vezes a gente não tem nem assim, muito com quem conversar essas coisas. Eu acho que se a gente procurasse uma pessoa assim *pra* conversar, um profissional *pra* gente conversar eu acho que aí seria bem melhor *pra* gente também, *pra* desopilar mais um pouco e dar um suporte.

*ao se despedir, a entrevistada revelou que havia deixado o curso de administração após o nascimento do filho. Alegou que a falta de tempo influenciou nisso e que irá retornar aos estudos quando seu filho estiver mais velho.

M7: Olhe, o que eu tenho *pra* dizer é que ser mãe na faixa etária que eu *to* de 22 anos/ 21 quando [nome da filha] nasceu. Foi uma fase muito boa, não tenho o que falar, passaria tudo novamente se tivesse como escolher se engravidaria ou não, eu engravidaria. É desafio? É desafio. Mas você compensa tudo quando você vê aquele sorriso, aquela palavrinha mamãe e cada passo que aprendeu, cada palavrinha, cada comidinha nova, tudo compensa. E todo esforço, quando ela crescer a gente vai ter certeza que vai ter valido a pena.

M8: Eu acho que assim, o que me ajudou muito foi essa parte da profissional ter me aberto a mente e essa visão de mulher maravilha que existem até memes daquela mulher com múltiplas mãos fazendo de tudo ao mesmo tempo, segurando bebê no colo, limpando a casa,

estudando. Aquela mulher polvo não existe. Então se a gente quiser ser um meme, não vai conseguir ser, você não vai dar conta da casa perfeitamente, ser esposa perfeitamente, de ser uma excelente mãe, estudar... você não vai conseguir fazer tudo isso. Ou você delega *pra* conseguir dar conta, você tem que focar realmente naquilo que você quer porque não vai dar e você vai se frustrar. É *pra* todas as mães terem isso em mente. Tem muita mãe que fala comigo “ah meu marido não troca uma fralda”, eu fico meu Deus como é que você casou com uma pessoa dessa? Porque você já sabe quem é o seu parceiro durante a fase de namoro né? O homem não se torna machista quando é pai, ele já é. A mulher tem que ter muita noção também com quem ela *tá* se relacionando pra ter essa ajuda.

M9: Mulher, assim, apesar dos desafios assim a gente pensa que a gente não vai conseguir, que não vai superar. Mas aí a gente vê que a cada dia a gente consegue superar, consegue fazer mil coisas ao mesmo tempo. Infelizmente o mercado de trabalho não *tá* muito preparado *pras* mães né? Porque assim, eu já trabalhei em iniciativa privada e eu trabalhava na parte de recursos humanos e eu vi assim que na iniciativa privada ainda é pior, porque é mãe. Porque eles preferem até não contratar, porque quando uma pessoa é mãe. Quando a pessoa tem filho dá um jeito de colocar *pra* fora por conta que criança adocece muito e quando a criança adocece ela só quer a mãe principalmente, as vezes eu penso em voltar mas quando eu vejo essas coisas assim, eu vejo que o mercado de trabalho ele não *tá* preparado pra mãe. Até quem é do setor público é complicado, porque o povo pensa que é besteira, acha que não é nada a ver, mas a criança tem momentos que ela precisa. Minha menina mesmo ela ficou internada e ela só ficava comigo. Então assim, é um desafio. A gente que trabalha fora e como eu não tenho empregada tem o desafio também de tomar conta da casa, deixar as coisas limpinhas por conta da criança. *Pra* ela não ter nenhum problema, tem que *tá* sempre procurando agilizar. Fazendo mil coisas ao mesmo tempo. Comida caseira, não pode mais comprar comida pronta que eu achava muito bom, muito prático. Mas é tudo isso assim, é um desafio. Mas é muito bom. Porque a gente aprende muita coisa, aprende a se superar realmente.